



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E ARTES**

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PROFESSORA DE  
ARTES VISUAIS**

Dissertação de Mestrado

Thais Raquel da Silva Paz

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

# PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PROFESSORA DE ARTES VISUAIS

POR

**THAIS RAQUEL DA SILVA PAZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, linha Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), para a obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientadora Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, RS, BRASIL  
2013

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Linha de Pesquisa Educação e Artes**

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada, aprova a Dissertação  
de Mestrado

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PROFESSORA DE ARTES VISUAIS**

elaborada por  
**Thais Raquel da Silva Paz**

como requisito para a obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. **Marilda Oliveira de Oliveira** (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

---

Profa. Dra. **Luciana Gruppelli Loponte** (UFRGS)

---

Profa. Dra. **Ana Lucia Marques e Louro-Hettwer** (UFSM)

---

Prof. Dr. **Marcos Villela Pereira** (PUCRS)

Santa Maria, RS, Brasil, 2013.

*Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer - e respondo a toda essa infâmia com - exatamente isto que vai agora ficar escrito - e respondo a toda essa infâmia com alegria. Puríssima e levíssima alegria.*

*(Clarice Lispector, 1998, p. 93)*

## AGRADEÇO

À **Jesus Cristo**, que a cada dia me dá a vida que me tornou capaz de produzir esta pesquisa.

À cidade de **Santa Maria / RS**, que me acolheu durante estes anos de graduação e mestrado, e principalmente por me forçar a aprender a conviver com os sopros do vento norte.

Aos meus pais, **Ana e Beto**, por, cada um ao seu modo, apostar comigo em todos meus projetos de vida.

Aos meus sempre pequenos **Thaiana e Arthur**, por simplesmente compartilharem comigo o amor!

Ao **Diogo**, pelos momentos especiais que compartilhamos nesta etapa, pelo apoio e por, em muitos momentos, ser a estrutura que eu precisava a fim de conquistar outros territórios.

À **Maggie** (golden retriever), pela companhia e doçura que deixou meus dias mais alegres.

Aos colegas **Tami, Cris, Fran, Marli e Vivien**. Pelos muitos dias de encontros, estudos, orientações e trocas. Foram muitas ideias e risadas compartilhadas, viagens exploradas, almoços saboreados e encontros experimentados.

À **Marilda**, por ser o próprio vento norte em minha vida! Obrigada por cada instabilidade que me causaste neste tempo e pelos novos caminhos que me possibilitaste percorrer.

Aos professores **Ana Lucia, Luciana e Marcos**, que se dispuseram a participar da produção deste trabalho oferecendo-me sua leitura atenta e colaborativa.

Aos colegas do **GPAEC**, em especial **Silvia, Caue e Marli**, que aceitaram meu convite de escrita e compuseram comigo a docência e a escrita como uma condição experimentativa.

À **CAPES** pelo financiamento da pesquisa.

A todos aqueles que não cessaram de provocar vazios, lacunas que se abriram a outras formas de preenchimento.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PROFESSORA DE ARTES VISUAIS

Autora: Thais Raquel da Silva Paz  
Orientadora: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil, 2013.

Esta pesquisa apresenta os processos de subjetivação que emergem da narrativa autobiográfica de uma professora de artes visuais. A partir do referencial de Hernández e Rifà (2011), experimentei falar não de mim, mas a partir de mim, de modo a produzir narrativas que compreendem a incompletude e o caráter provisório, pois estão sempre abertas a novas conexões, percepções e invenções. Desta forma, as narrativas que constituem a pesquisa não são entendidas como descrições dos professores de artes visuais, com um caráter de confissão ou com a intenção de esclarecer quem realmente somos na docência. Trata-se não de descobrir, apreender a totalidade, mas de reunir o que já ouvimos, lemos e dissemos sobre este contexto no intuito de seguirmos nos fazendo. Os autores Foucault, Deleuze, Guattari e Rolnik impulsionaram-me para um caminho distante da ideia de características universais na existência humana, apontando para uma produção constante da profissão, abarrotada de linhas fixas, e em muitos momentos representacionais, mas que também se compõe com linhas inconstantes e abertas a novos percursos.

**Palavras-chave:** narrativa autobiográfica; artes visuais; docência; processos de subjetivação.

## **ABSTRACT**

Master Thesis  
Post-Graduation Program in Education  
Federal University at Santa Maria, RS, Brazil

### **SUBJECTIFICATION PROCESSES AND A VISUAL ARTS TEACHER'S SELF-BIOGRAPHY**

Author: Thais Raquel da Silva Paz  
Adviser: Marilda Oliveira de Oliveira, Dr.

Santa Maria, RS, Brazil, 2013.

The present research presents the subjectification processes which arise from the self-biographic narrative of a visual arts teacher. Based on Hernández and Rifà (2011)'s referential, I have tried not to talk 'about me' but to talk 'from myself' in order to produce narratives which involve incompleteness and a provisory nature, because they are always open to new connections, perceptions and inventions. Thus, the narratives that constitute the research are not understood as visual arts teachers' descriptions with a confession nature or with the intention of clarifying who we really are in relation to teaching. It is not about discovering, apprehending the totality, but it is about gathering what we have already heard, read, and said about this context, aiming at keeping 'making ourselves'. The authors Foucault, Deleuze, Guattari and Rolnik led me through a distant way of the idea of universal features in human existence, by pointing to a constant production of the profession, full of fixed lines and representational in several moments, but that also consists of unstable lines and is open to new courses.

**Keywords:** self-biographic narrative; visual arts; teaching; subjectification processes.

## SUMÁRIO

**SOBRE A ESCRITA DE SI/ 8**

**SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE. DIA DE VENTO NORTE. ANO DE 2012./ 9**

**1. Camobi, março de 2012. Aprendendo a conviver com o vento./ 20**

1.1. Permitindo-me viver as intensidades.../ 26

**2. Santa Maria, algum dia de sol durante o inverno de 2012./ 36**

**3. Dias de chuva, ano de 2012./ 46**

3.1. Quando manter-me viva não basta.../ 52

**4. Ijuí, algum dia de primavera, outro ciclo que se inicia no ano de 2012./ 58**

4.1. A espreita do tempo que me interrompe.../ 62

4.2. O que pode a dor?/ 64

4.3. Vidas que pulsam na docência.../ 69

**5. Santa Maria, iniciando 2013. Algumas considerações sobre o que tortuosamente ainda se faz.../ 74**

**REFERÊNCIAS/ 79**

**LISTA DE IMAGENS/ 82**

**ANEXOS/ 83**

*Estou  
sendo...*

## **SOBRE A ESCRITA DE SI**

Uma narrativa autobiográfica que não é entendida como diário, com um caráter de confissão ou purificação esclarecedora. Como corrobora Foucault (2012a, p. 145) a respeito dos *hupomnêmata* "trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si". Acolhendo a perspectiva da escrita de si (FOUCAULT, 2012a), os capítulos que organizam este texto são exercícios de escrita e funcionam como arquivos das coisas lidas, ouvidas e pensadas durante o processo da pesquisa, e permanecem abertos para posteriores atualizações.

**Santa Maria da Boca do Monte. Dia de vento norte. Ano de 2012.**

Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante, é também com o corpo todo que pinto meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende a música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro.

(Clarice Lispector, 1998, p. 10)

Um vento quente sopra lá fora. A janela aberta permite a entrada de ar, de poeira carregada pelo vento. De momento, são pequenas correntes de ar que assediam meu território tranquilo, que prefere não se ocupar com sensações de desamparo.

Divirto-me sentada em frente à janela enquanto observo as pessoas caminharem na rua tentando manter o compasso. Ao mesmo tempo, encanto-me com a força e o movimento das folhas, com o balanço das roupas nos varais que se desprendem e habitam outros territórios.

Desatenta, sinto o fluxo inquieto que o vento provoca do lado de fora, quando de repente, este mesmo vento levanta voo alto e invade a sala. Os papéis que se encontram em cima da mesa são arremessados para todos os lados. Uma bagunça. Saio apressada tentando juntar os fragmentos e manter a ordem.

Sinto ser impossível organizar tudo como estava. Inúmeras anotações, folhas, cadernos e livros agora se encontram espalhados. Ainda que tudo continuasse lá, as coisas não eram mais as mesmas.

Um caderno, um livro e algumas narrativas, em especial, me chamam a atenção. É dessas impressões que falo durante este trabalho. Da impossibilidade de voltar ao que foi vivido e trazê-lo para esta pesquisa como estava. Aqui os fragmentos do que foi vivido potencializam o que vivo no presente. Minha questão é o instante, o agora. A atualização dos encontros e das narrativas produzidas.

É com um tom ficcional que dou início a esta narrativa de pesquisa, uma estratégia que me permite operar conceitos e fazer acontecer este trabalho. Como colore tão sutilmente a autora Rosane Preciosa (2010), o modo de fazê-lo é por minha conta. Desta forma opto por começar pelo momento em que

percebi que sempre podemos ser outros, estranhar nossas formas atuais, desprendermo-nos delas e habitar outros territórios. Procuo pensar a produção da subjetividade na docência para além da aprendizagem de papéis definidos.

Nesta parte introdutória optei por não procurar justificativas ao longo de uma vida para que esta pesquisa exista, mas narrar aquele momento em que o entusiasmo carregado de sentidos aparece pela urgência de se fazer existir.

Após a qualificação rupturas produtivas aconteceram, e uma carta foi enviada aos professores de artes visuais da rede pública que pertencem ao meu grupo de pesquisa. Três deles aceitaram o convite que fiz e, deste modo, colaboram com a escrita deste texto no intuito de que outras narrativas pudessem ser inventadas. Agora, encontro-me neste turbilhão de sensações, traçando um fio condutor para o que foi vivido.

Foi preciso tempo para não tirar conclusões apressadas daquilo que me aconteceu durante esses dois anos de mestrado. Períodos de composição que continuavam a me provocar: o que eu quero mesmo falar sobre a docência em artes visuais?

Anuncio desde já que não se trata de um trabalho sobre formação de professores. Penso que trata-se mais de uma narrativa pessoal e subjetiva sobre os modos de narrar-se a si mesmo, de compreender-se no mundo e produzir nossa existência na docência. A pesquisa deixou-se levar pelo vento norte e hoje está endereçada àqueles que se pesquisam, que se pensam no campo da arte e da educação.

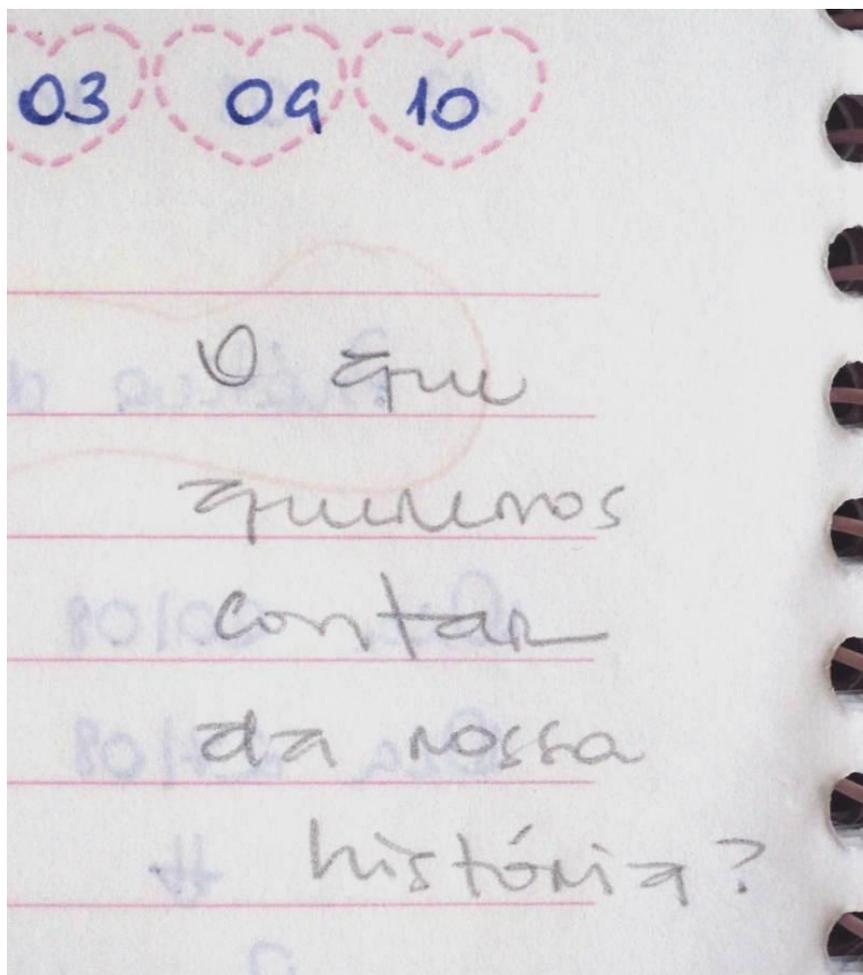
Ainda que as narrativas (em anexo) produzidas pelos professores Caue, Silvia e Marli não sejam o ponto central do corpo deste texto dissertativo, é importante ressaltar que elas assumem um papel fundamental no desenvolver da escritura. Sem elas este texto não existiria, pois meu discurso somente toma forma nessa troca, no contato com estes professores.

A partir do momento em que me propus a "ouvi-los" em seus escritos, lembranças, vivências e invenções que potencializam diálogos foram emergindo. Uma narrativa que se constrói a partir daquilo que me acontece

durante todo o processo e provoca em mim o desejo de produzir uma pesquisa que olhe para a docência de outras maneiras.

Minha escrita vai se configurando a partir do que escuto, leio, vivo e compartilho no contexto da docência e da pesquisa.

Imagem 1. Fragmento do diário produzido durante a disciplina Prática de Pesquisa B - 2010.



Isto te diz alguma coisa? A mim diz. Fala do meu encontro com a pesquisa narrativa, da minha reinvenção como indivíduo, que acaba por reverberar nas maneiras como estou sendo estudante, professora, pesquisadora. Diz dos recortes e escolhas que realizamos ao contar uma história. Diz das possibilidades que se anunciam quando me entrego ao próprio movimento de estar sendo.

Pois somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 66).

Nesse momento realizo um recorte, narro aqui um fragmento das muitas vivências que me produzem como sujeito que possui desejos, como professora de artes visuais que os coloca em movimento e dispara a produção dessa pesquisa.

Cada vez mais sinto a urgência de me desprender de discursos que afirmam que é por vocação, identidade ou destino que aqui estou. Será que não sou produto de uma fabricação que envolve todos os meus movimentos de constituição no mundo e que, por isso, não está acabada?

A docência em arte tem passado por constantes transformações, modificações que dizem respeito à formação, ao contexto social e ao próprio entendimento em relação à arte e à educação na contemporaneidade. E é nesse contexto de mudanças, de autores e teorias que ampliam e problematizam nossas visões de mundo que tenho me constituído.

Como discorre Pereira (1996, p. 22)

O que quer que se venha a ser é, em qualquer caso, resultado de uma circunstância de potencialidades presentes no campo de imanência do sujeito e, conseqüentemente, pode resultar de uma escolha que o sujeito faz diante de um certo quadro existencial dado.

Dessa forma, dentre tantas possibilidades enveredei pelo caminho da pesquisa. Fui tomada pela curiosidade, pelo desejo de explorar a docência a partir da perspectiva pós-estruturalista, um movimento de pensamento que me leva a compreendê-la a partir das linhas que ora se cruzam, ora se afastam, considerando nossas condições e possibilidades de ação. Um desafio que em muitos momentos me tirou o chão, fez com que o sentimento de angústia pairasse no ar, produzindo o medo de fracassar.

Foi na disciplina *Prática de pesquisa B* do curso de mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, ainda como aluna especial no 2º sem/2010, que vivenciei a narrativa como uma condição experimentativa, produzindo sentidos ao que sou e ao que me acontece, entendendo que essas definições vão sempre de um dizer a um dizer.

Escolhi experimentar o processo de pesquisar. E antes de adentrar numa viagem sem volta, em um mestrado, desejei conhecer um pouco mais do que constitui este posicionamento. Como mexeu comigo tudo aquilo! As reflexões e experiências que ocorriam no espaço do LAV<sup>1</sup> em torno da temática das narrativas vibravam em nós, forjavam maneiras de dizer de si e dos colegas.

Encontros que nos colocavam em sintonia e estimulavam os corpos a serem tomados por uma mistura de afetos. A aproximação com conceitos e autores que referendam a pesquisa narrativa, biográfica e autobiográfica, nos encorajou a refletir sobre nossas próprias narrativas, tomando-as como potência de (re)invenção.

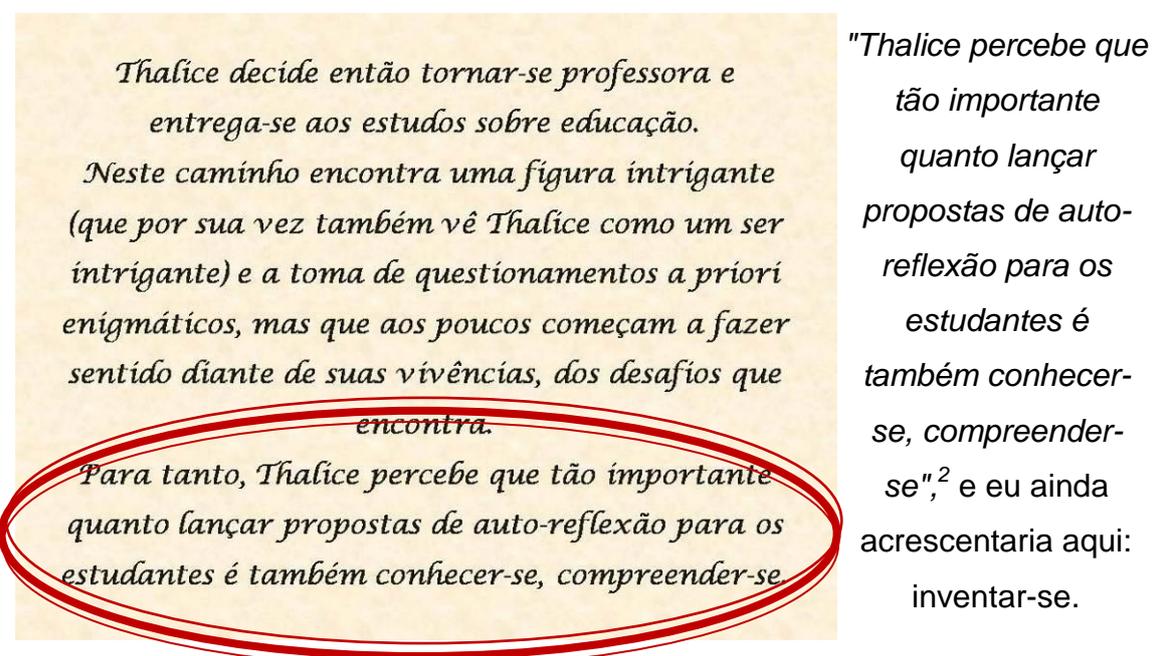


Imagem 2. Fragmento da narrativa produzida sobre mim por uma colega em um dos nossos encontros na disciplina *Prática de Pesquisa B* durante o segundo semestre de 2010.

No entanto, compreendo que é difícil desembaraçar-se da lógica identitária, das verdades evidentes, da ânsia por aprender sobre um eu interior e apreendê-lo de uma vez por todas. Por isso, sinto que é preciso falar de novo e, quem sabe, experimentar outra vez... É preciso dar espaço aos fluxos de

<sup>1</sup> Laboratório de Artes Visuais do Departamento de Metodologia do Centro de Educação / Prédio 16 da UFSM.

<sup>2</sup> Fragmento da narrativa produzida sobre mim por uma colega em um de nossos encontros na disciplina *Prática de Pesquisa B* durante 2ºsem/2010.

ventos que vagam por aí bagunçando convicções, exigindo a renúncia de territórios que já não nos expressam mais.

Durante quatro anos e meio de graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena<sup>3</sup>, produzi, repensei, vivi e revivi minha relação com as artes visuais. Modelos de uma educação artística grudados em mim. Afetos que já não mais existiam. E máscaras que foram, assim, pouco a pouco perdendo o sentido (ROLNIK, 2006).

A cada vivência durante meu processo de formação docente envolvia-me mais com os estudos que propõe explorar as práticas do ver, reinventando-nos como artistas e educadores. Não preciso atingir a verdadeira intenção de quem produziu determinada visualidade, mas posso pensar o que vejo em relação às minhas próprias experiências.

Fui tomada pelo impulso de atualização de uma nova figura de artista e de público, assim como de suas relações no contexto da educação. Fim da linha para conceitos pré-definidos. Posso, enfim, livrar-me por alguns momentos de discursos prontos. Aliás, é uma questão de vida, de possibilidades de outras vidas.

Pausa. Respiro.

E a escrita? As palavras? O que tenho feito com elas?

Há mais de cinco anos discuto a potencialidade da produção de narrativas a partir de imagens e da importância do processo nestas relações, mas muitas vezes fiz uso da linguagem como decalque. Repeti o que já foi dito. Tratei a narrativa como reprodução.

No entanto, nestes últimos dois anos pude dar continuidade a esses aprendizados, a esses desabamentos de si que não dizem respeito a destruir tudo, mas ao estranhamento que permite que alguns deslizamentos aconteçam. Tenho arriscado conviver com o desequilíbrio, com a experimentação de outros territórios que estão constantemente sujeitos a novos desabamentos e limpezas de área.

---

<sup>3</sup> Graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica, na Universidade Federal de Santa Maria (2006-2010).

Deleuze e Guattari (1995b, p. 12) advertem-me que "as palavras não são ferramentas; mas damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários".

Dessa forma, ao falar em narrativas nesta pesquisa procuro não pensar apenas no que seus autores querem dizer, mas também nas relações e outros sentidos que posso construir com elas. Procurei produzir agenciamentos, experimentar formas de funcionamento, pensar suas multiplicidades, assim como procurar saber com quais outras se conectam para produzir novas sensações e assim se transformarem.

A partir da perspectiva narrativa autobiográfica (HERNÁNDEZ; RIFÀ, 2011) experimentar falar não de si, mas a partir de si. Compreendendo que ao narrar, ao contar histórias, não estamos apenas descrevendo o passado, mas o articulamos, reconstruímos momentos, produzimos outras histórias.

Nas experiências com o grupo que fazia parte da disciplina *Prática de Pesquisa B* fui me aproximando da pesquisa narrativa.



Imagens 3 e 4. Registros da ação "Narrativas Inventadas" realizada na Praça Saldanha Marinho, em Santa Maria/ RS. 2010.

Pautados por uma máxima de Manoel de Barros, "Tudo o que não invento é falso", produzimos narrativas que foram reunidas em caixas que eram trocadas

por outras narrativas no centro da cidade de Santa Maria / RS, mais precisamente na Praça Saldanha Marinho.

Objetos, narrativas escritas e visuais ou contadas oralmente no momento da troca... Foram tantas e diferentes as formas de ação. Experiências que nos permitiram saborear a narrativa como diversão, emoção, troca, transformação.

Nos exercícios de produzir narrativas durante a disciplina, encontrei-me também com a escrita de Clarice Lispector, que me foi apresentada pela professora Marilda (hoje orientadora deste trabalho).

Algumas leituras. O encantamento inicial com uma escrita que nos envolve pela sua inquietude, pelos limites cada vez mais desfeitos, fazendo com que eu passasse a pensar sobre a minha própria atuação no mundo.

Em seguida, o afastamento. Tempos dedicados ao esquecimento e ao silêncio. Não é fácil desativar o interesse pelo entendimento, pela explicação. Como é difícil deixar-se conduzir pelas sensações, pelos afetos e pela imaginação, embarcar em uma viagem na qual não existem certezas e o futuro não é o ponto culminante.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, lembrei-me sobre como Clarice Lispector provocou-me a pensar a escrita e a vida de formas diferentes naquele momento anterior, e de como o medo de me despedaçar, de fracassar, me fizeram afastar, neutralizar qualquer possibilidade de desalinhar meu cotidiano.

Mas agora não há como recuar, a pesquisa anseia por invenção, sou movida pela profunda necessidade de intervir em minha existência!

Uma rápida passada na livraria. O retorno para casa com um livro entre as mãos e a sensação de que o que eu carregava era muito mais que um livro, era a possibilidade de produzir diferença em mim. A coragem tomou conta de meu corpo. "Água Viva" é o nome do livro que me encoraja a viver aquilo que foge a explicações e que por muitas vezes nos causa incômodos, investindo na possibilidade de fluir pelos conceitos e vivências.

Faço minhas as palavras de Lispector (1998, p. 9) quando ela diz:

(...) é com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Alegria, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais.

A possibilidade de um estar sendo pesquisadora que se caracteriza pela própria movimentação, pela invenção de estados de si que ultrapassam os limites de um destino pessoal. Procuo aqui experimentar a descontinuidade, narrar lugares e histórias que possam ser sempre desmancháveis.

Dessa forma, como a própria Lispector (1998, p. 37) destaca, "ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço".

É possível começar agora.

As coisas não possuem ordem visível para acontecer no mundo. E eu, neste momento, tento lidar com a desordem que atinge meus sentidos, minha respiração e também minhas anotações, nessa tentativa de colocar em palavras os movimentos nos quais a pesquisa foi se desfazendo e se refazendo.

Clarice Lispector provocou-me, fui arrastada para experiências com a leitura e com a escrita. O universo de produção da docência a partir de narrativas passou a ser meu interesse de estudo, um exercício de liberdade.

Os estudos foucaultianos sugerem uma ética centrada na estética da existência, maneiras de viver que não apenas totalizam e submetem-se, mas que afirmam a liberdade através do conhecimento dos discursos que nos produzem. Foucault (2012b) aponta em seus textos que a escrita desempenha papel importante na formação de si. Uma técnica que permite exercícios para uma relação consigo mesmo, para a constituição de um sujeito moral de suas próprias ações.

Dessa forma, a temática ampla, cheia de descaminhos e lugares com desejos por serem explorados, fazia reviver minhas próprias angústias, mas também expandir ideias e experiências. Encantada diante de um tipo de pesquisa que leva em consideração a experiência, diluindo dualismos como teoria e prática, fui projetando possibilidades de pesquisa.

Era justamente o que eu desejava: poder falar sobre o estar sendo docente em relação ao próprio movimento de viver, levando em consideração esse espaço de existência tão assediado pelo senso comum, registrando as forças que operam no cotidiano da profissão.

Sabemos que são muitas as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da docência, desde as condições de trabalho até a pouca valorização da profissão, assim como discursos e regras que em muitos momentos nos conformam e nos impossibilitam outras movimentações. Mas também compreendo que é uma profissão que nos rende muitas alegrias, a principal delas a meu ver é o trabalho em grupo, o caráter coletivo que o estar sendo professor exige diariamente.

Uma aula não acontece sozinha. Sem os estudantes o professor não tem o que partilhar. Sem as leis, talvez, a arte hoje não fizesse parte do currículo escolar. Sem os colegas de trabalho não compartilharíamos ideias e vivências, não questionaríamos posicionamentos ou nos fortaleceríamos enquanto pares.

Coletivo de estudantes, professores, funcionários, comunidade, formação continuada, sindicato, governo. Existem aí diferentes forças que produzem os sujeitos professores da educação básica. Acabei de ingressar no magistério estadual do RS e fazer parte desse coletivo tem exigido de mim a produção de maneiras de relacionar-me comigo mesma.

Foi nessas vivências que meu desejo se agenciou e passei a esboçar o tema da dissertação. Assim, a pesquisa se produz em torno da experimentação de outros modos de representação na docência em artes visuais. Uma abertura que nos possibilite outras relações com o conhecimento, os poderes subjetivantes, as identidades e o cotidiano escolar.

Assim, o problema que conduz a pesquisa é: Que processos de subjetivação são possíveis a partir das narrativas autobiográficas de uma professora de artes visuais?

No primeiro capítulo desta dissertação, **Camobi, março de 2012. Aprendendo a conviver com o vento**, apresento ao leitor o despertar do desejo de escrita, as modificações que foram ocorrendo em relação à compreensão acerca da

perspectiva narrativa autobiográfica e de como fui me aproximando da ideia de *escrita de si* (Foucault, 2012a; 2012b) para operar a invenção de um sujeito em uma sociedade e em um tempo específico.

Em **Santa Maria, algum dia de sol durante o inverno de 2012** narro como se deu o contato com os professores que provocam os diálogos que constituem este trabalho: a carta sendo produzida e enviada, as narrativas recebidas, as sensações e percepções acerca dos retornos e colaboradores.

Em seguida, no capítulo **Dias de chuva, ano de 2012**, dou início ao processo de ressonância (Carola Conle *apud* Hernández; Rifà, 2011), um modo de compreensão que procura estar atento ao que é produzido a partir da leitura dos textos. O que aprendo e invento sobre a docência a partir dos discursos produzidos por esses professores? Reflexões que apontam a docência enquanto território de produção da subjetividade.

No quarto capítulo, **Ijuí, algum dia de primavera, outro ciclo que se inicia no ano de 2012**, pondero sobre os novos sentidos dados às minhas próprias vivências e narrativas. Que identificações e estranhamentos me provocam? O que as narrativas dos professores Caue, Marli e Silvia dizem de mim?

Para concluir, em **Santa Maria, iniciando 2013. Algumas considerações sobre o que tortuosamente ainda se faz**, procuro construir algumas possibilidades para seguirmos nos pensando no exercício da docência. Muito mais que amarrações busco admitir fios desconectados para as produções vivenciais que se seguem, encharcada de dúvidas e outros desejos a serem colocados em movimento.

## 1. Camobi, março de 2012. Aprendendo a conviver com o vento.

Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas - nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão.  
(Clarice Lispector, 1998, p. 68)

Encontros. Investimentos de Desejo. Produção. Processos de subjetivação. Sinto a vibração das palavras. Sou atravessada por estranhos devires.

Novos rumos anseiam por ser explorados. Vivências que, ao mesmo tempo em que me desestabilizam, me encantam. Que não me tranquilizam em forma docente ou pesquisadora, e enchem minha vida de novos desafios.

Foi como se o chão se abrisse rumo a um mundo novo, permeado pela sensação de medo do desconhecido, mas envolto pelo fascínio da aventura de outras descobertas.

Com a qualificação do projeto da dissertação tudo ficou em suspenso. Segundo as palavras de Pereira (1996), a apreensão causada pelas dúvidas nos obriga a parar, refletir mais, planejar cada passo. Tentar prever as consequências de cada movimento.

Portanto, o que escrevo agora não tem começo, é uma continuação. Mas, não é mais possível continuar sendo a mesma ou escrevendo o mesmo trabalho. Sigo me fazendo. Em percurso. Em processo.

O vento norte continua a me envolver. Entro ou não nesse jogo? Nessa produção de uma pesquisa processo que "não pára de se alongar, de romper-se e de retomar" (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 32). Uma sequência contínua de acontecimentos que podem levar a outra sequência, com ruptura permanente do equilíbrio.

A ruptura não é entendida aqui como boa ou má, já que não é possível definir a priori o que ela é capaz de produzir, mas enquanto uma instância de produção é vista por mim com bons olhos.

Ao olhar para as narrativas produzidas pelos professores participantes da pesquisa, as sensações provocadas pelo vento norte se intensificam. Como me

desligar de modelos do que é produzir uma pesquisa científica? Percebo a necessidade de fazer desta pesquisa ela mesma um exercício, uma experimentação. Assumir a desordem e vivê-la.

Durante este processo de escrita me senti desmontando campos de referência, bagunçando aquilo que eu acreditava conhecer. Uma escrita que não parou de ser movimentada nos enfrentamentos que tive, nos tensionamentos que produzi, e que ainda acontecem. Rupturas que me forçam a produzir.

Exploração que desafia meu próprio equilíbrio. Coloco-me em risco. Investigo e procuro inventar uma escrita que permita contar a pesquisa realizada, facilitando entradas e saídas durante o movimento, estendendo-se a professores de outras áreas e, também, àqueles que não são professores.

Como registrar este momento senão vivendo aqui cada coisa que surge?

O vento corre forte. Está quente... Parece verão, mas ainda estamos no inverno. Há quem diga que nestes dias, muitas vezes, o vento chegue aos 100km/h. Penso em como seria bom se esta escrita produzisse velocidade. O que não quer dizer escrever mais depressa, mas ser tomado em um devir no qual se deslize entre as coisas, vivendo as intensidades.

Lembro que o devir, como assinalam Deleuze e Guattari (1997, p.19), "é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança". Portanto o devir não me reduz, nem me faz parecer ou ser alguma coisa. Componho-me com os diferentes devires que me atravessam durante esta escrita.

Os dias de vento norte são caracterizados por dias quentes em meio a dias frios ou chuvosos. Um vento desconcertante que anuncia muita água, fazendo de Santa Maria um lugar especial. É um vento quente e seco, que varre as ruas, despenteia os cabelos, bate portas e janelas, arrastando tudo o que puder.

Nada do que é atravessado pelo vento norte continua sem ser, de alguma forma, alterado. Podemos forçar um endurecimento, mas, ainda assim, ocorre

uma oscilação, algo que por alguns segundos nos desestrutura e nos faz produzir uma forma de resistir ou deixar-se levar.

Mesmo dentro de casa, protegida pelas paredes que me cercam, sinto-me corrompida pelo vento norte. Não é possível continuar sendo a mesma. "Pensamentos traçam um caminho de vento. São buliçosos como as crianças que estão sempre inventando um jeito de se desligar do controle familiar, armando entre elas uma secreta fuga" (PRECIOSA, 2010, p. 27).

Contagiada por este ar desconcertante, pelas leituras que tenho realizado e pelos rumos que a pesquisa tem tomado, sinto neste momento uma vontade de escrever com o corpo todo. O corpo todo sendo arrastado pelo vento.

Ao contrário de reencontrar um possível eu da docência, desejo experimentar desfazê-lo. Pensar a docência a partir de suas intensidades e intervalos, levando em consideração possíveis rompimentos nos estratos.

Quero falar dos processos de subjetivação, que, a partir de Foucault (2012b, p. 256), trata-se do "processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si". Dizer daquilo que vinga e que gora, daquilo que gruda e descola no processo de nos produzirmos docentes.

Escrevo porque desejo falar das narrativas que produzimos enquanto professores de artes visuais, da criação de modos de existência e inventar novas histórias para o vivido. Narrativas que não se fechem nelas mesmas, que nos permitam pensar as múltiplas docências existentes e as que ainda estão por serem inventadas.

Desde que cheguei a Santa Maria, ainda na graduação, escuto falar que em dias como hoje ocorre um número maior de crimes e outros problemas de ordem pública. O sopro do vento norte, diz a lenda, desnorteia, enlouquece os moradores. Será que estou tomada pelo clima? Por essa vontade de enlouquecer?

Que minha loucura seja a experiência de reinventar a docência nesses exercícios. A experimentação de uma escrita díspar, talvez menos travada, menos polida, menos completa. Uma narrativa de pesquisa que permita conexões.

Não intenciono me atirar em uma queda suicida, mas talvez, como recomendam Deleuze e Guattari (1996), instalar-me sobre algumas estruturas, experimentar as oportunidades que elas oferecem, buscar um lugar favorável, vivenciá-las, tendo sempre um pequeno pedaço de uma nova terra.

De qualquer forma, não é fácil... Não é tranquilizador, porque posso falhar. É preciso abandonar formas prontas e me abrir aos riscos do tornar-se. "Nesse percurso nada mais é fixo; nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia, nada mais é, definitivamente, coisa alguma" (ROLNIK, 2006, p. 61).

Significa fazer um esforço de reflexão e experimentações que me permitam pensar algo diferente daquilo que eu pensava antes. Correr o risco de não ter um ponto de chegada.

Os investimentos que tenho feito por esta via de pesquisar as narrativas e os processos de subjetivação dos professores de artes visuais perpassam minhas vivências, minha relação com a escrita e com a produção desse sujeito que narra. No entanto, ao mesmo tempo, quero desfazer meu eu. Na verdade, como afirmam Deleuze e Guattari (1995a, p. 11), quero "chegar ao ponto em que não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU".

Faço desta escrita investimentos de desejo. Na perspectiva de Deleuze e Guattari o desejo é reconduzido para o lado da produção, da fábrica. Neste sentido, não é a representação de um objeto ausente, abstrato, mas uma atividade de experimentação incessante. Experimento o desejo de escrita.

Enquanto algo que nasce de um encontro, de um agenciamento, o desejo é entendido enquanto um explorador que vai mobilizando os seres e as coisas não para si mesmos, mas para as singularidades que eles emitem e que ele destaca.

Que tom damos à nossa docência durante esses escritos? Quais as possibilidades de nos reinventarmos nesses exercícios? Reflexões e reconstruções produzidas a partir de fragmentos, lascas de momentos individuais que agora assumem outras formas, conectam-se a um contexto mais amplo.

Ao escrever, anseio por desnaturalizar a docência. Falar de paixão, de maneiras de viver, de invenção de novas possibilidades de vida, de investimentos de desejo.

Um desejo que, independente das relações subjetivas e intersubjetivas, produz seus objetos e modos de subjetivação correspondentes. O desejo nesta perspectiva é visto como um movimento de atualização de novas práticas, desatualização de outras, de produção de estratégias (GUATTARI; ROLNIK, 2011).

O desejo é uma aventura afetiva, é aquilo que nos coloca em movimento, como uma atividade de produção e experimentação. Por isso ele é diversas vezes interrompido, porém não paralisado, já que ele renasce a cada encontro que fazemos. O desejo só funciona em agenciamento, no entanto, ele não espera um encontro para acontecer. Mas quando acontece, nele se agencia e constrói.

Neste trabalho procurei provocar professores a falarem de si e comporem comigo a dor e a alegria de estar sendo docentes. Por que a escolha por professores de artes visuais? Talvez eu não saiba explicar com rigor acadêmico, mas dentre tantas escolhas que fazemos nessa vida, tive que fazer uma, e optei por compartilhar esta escrita com colegas de área.

Quem sabe, por pensar de forma prematura que eles me entenderiam ou que eu poderia os entender melhor. Não me ocorreu antes que os desencaixes apresentam-se como potencialidade de outras produções.

De qualquer forma, hoje, ao olhar para as narrativas produzidas, percebo que não é possível entendê-las. Elas produzem em mim a mesma sensação desorientadora do vento norte.

Esta escrita fala de encontros e desencontros, de experimentações, de processos. Conto histórias, invenções de mim mesma, da docência e da pesquisa. Das (de)composições produzidas durante o percurso.

Estimulada pelas leituras e encontros que tive nesta caminhada passei a me perguntar o que me movimenta pesquisar a partir da *escrita de si* (FOUCAULT, 1995b; 2012a). Desde a graduação venho percorrendo como objeto de estudo a questão da escrita e as maneiras com que lidamos com a produção da docência. É isso que desperta meu desejo de pesquisa?

A ideia inicial do projeto se construía na intenção de pesquisar a docência em artes visuais a partir das narrativas de professores da área, com a intenção de, talvez, agir nos próprios participantes da pesquisa, e caminhou para a experimentação do próprio gesto de escritura.

A partir das leituras de Foucault (1995b; 2012a), fui dando sentido à escrita como constituição de si. Um tipo de escrita que me constitui enquanto a produzo.

Não abandonei a intenção de pesquisar a docência, porém ela foi se compondo não através da análise posterior das narrativas de outros, mas entre esses escritos, com os fragmentos, durante todo o processo.

Acolhi a ideia dos *hupomnêmata*, que de acordo com Foucault (2012a, p. 144) "no sentido técnico, podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete"; e organizei o material que constitui este trabalho. No meu bloco de notas foram anotadas citações, exemplos, ações testemunhadas, narrativas lidas ou ouvidas, reflexões e pensamentos, uma espécie de memória material do que foi lido, ouvido e pensado e que está arquivada para futuras relações.

Na Antiguidade, os *hupomnêmata* tinham como objetivo reunir os fragmentos para o estabelecimento de uma relação de si consigo mesmo tão adequada e perfeita quanto fosse possível.

Aqui, as narrativas que constituem esta pesquisa não intencionam esclarecer como nos produzimos professores de artes visuais, mas, ao reunir o que se pôde ouvir e ler durante este processo, compormos a nós mesmos.

Não procuro dar conta da totalidade, apreender exatamente o que se quis dizer. Busco deixar espaços nos quais cada um de nós possa pensar seu valor em determinado momento de uso. Espaços que nos permitam pensá-las, rasgá-las, colá-las, ajustá-las e questioná-las em relação a outros escritos e discursos.

Sou tomada pelo desejo de descobertas, me encanto com a possibilidade de poder falar sobre narrativas que não se limitam à reprodução, mas que compreendem esta intrínseca ligação com as pessoas, com os locais que habitam e nas quais são revividas.

O vento norte cumpre um ritual já conhecido pelos santa-marienses e nada temos a fazer senão vivê-lo durante alguns dias para que depois a chuva venha. Com os cabelos despenteados fui procurando vida alta e leve nessa falta de sentido, durante esta escrita para mim e para os outros.

### **1.1. Permitindo-me viver as intensidades...**

A pesquisa narrativa me envolveu, me arrastou, me colocou em experiências de contágio. Foi preciso voltar, olhar os fragmentos que envolvem minhas percepções sobre a narrativa. Produzir novas histórias sobre o vivido.

Como destaca Pereira (1996, p. 81), "trata-se não de jogar tudo fora e recomeçar do ponto zero, mas de entrar em um novo movimento, incorporar um novo fluxo, submergir numa nova onda existencial". Recobrar o entusiasmo e não lamentar pelo que ficou no caminho.

Percebi que pesquisar a partir de Foucault significa deixar-se mudar, fazer desta escrita ela mesma uma experiência transformadora, abandonando atitudes nas quais apenas legitimamos o que já sabemos.

Ao pensar em meu fator de afetivação (ROLNIK, 2006) a escrita continua a tomar papel importante. Potencializa minhas experiências. Não como justificativa desta pesquisa, mas como desejo que se agenciou em alguns encontros e produziu tantas outras coisas... Heterogêneas, díspares...

Quando criança, na escola, com pessoas que nunca conheci a não ser por essas trocas de palavras ou com aquelas que, mesmo ao meu lado, mantinham comigo outras relações através desses escritos. Sinto que não posso deixar de mencioná-las.

Foi nessas atividades cotidianas que iniciei minha relação com a escrita. Cartas que, como exercício pessoal de reflexão e criação, constituíam uma maneira de combinar os já ditos com as circunstâncias nas quais as coisas aconteciam.



Imagem 5. Cartas, bilhetes, imagens, 1994-2011.

"As pessoas escrevem sobre si mesmas há dois mil anos, mas não do mesmo modo", (FOUCAULT, 1995b, p. 275). Existem técnicas para a constituição de si

que perpassam os sistemas simbólicos ao utilizá-los, podendo ser encontradas em todas as culturas, de formas diferentes.

Foucault (2012a) encontra nas correspondências os primeiros desenvolvimentos históricos do relato de si. De acordo com o autor as cartas constituem uma maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. Quando escrevemos, lemos aquilo que escrevemos, pensamos no destinatário, nos colocamos enquanto remetentes e essas relações vão dando outros direcionamentos.

Desta forma, compreendo que nestas cartas eu permitia uma abertura sobre mim mesma, assim como ser olhada por outros. Uma análise de minhas atitudes e pensamentos, não como um deciframento, mas como uma ação importante na elaboração de si, na qual eu me posicionava sobre meus atos ligados aos relacionamentos e acontecimentos diários.

Não sei dizer se a escrita, nestes casos, foi utilizada como forma de proteção ou de liberdade. Talvez os dois, de liberdade para escrever assim como de proteção entre aqueles que escolhia para partilhar estas narrativas.

Foucault (2012a, p. 152) explica que "a reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame". Já que ao escrever uma carta nos fazemos aparecer para o outro, preparamos um face a face, nos permitimos ser examinados, nada mais justo que o façamos a partir da sensação de confiança e cumplicidade.

Durante esse mesmo movimento de discorrer sobre a escrita de si através das correspondências, volto a pensar sobre a experiência de escrever sobre o vivido nas aulas de arte durante os estágios supervisionados na graduação.

No curso de licenciatura trabalhamos com a ideia de acompanhar nosso processo docente a partir da escrita do diário da prática pedagógica (dpp). Escrita que também era compartilhada com os colegas e a professora orientadora dos estágios. Uma abertura que dávamos uns aos outros, exercícios que nos permitiam vislumbrar mudanças em nossas práticas docentes, em nossos modos de estar sendo na escola, no ambiente da sala de

aula, na relação com os estudantes e colegas de profissão. Uma movimentação que acontecia no momento de reflexão solitária e no coletivo.

Hoje percebo que na maioria das vezes fiz uso das palavras como representações. Registrei o óbvio, o fato em si. Ficou um devir, um desejo de continuar a explorar esta ideia de escrita, talvez mais reflexiva, talvez mais madura.

Abandonar pensamentos automáticos, cheios do mesmo. Procuo conquistar um estado no qual as ideias, as sensações e até mesmo o silêncio produzam passagens e formas que, em breve, desaparecerão.

Ao falar sobre a escrita dos diários da prática pedagógica, sou reconduzida para a primeira aula da disciplina *Diários da e na pesquisa: seus usos e frutos*<sup>4</sup>, na qual tivemos que escrever, de forma inicial, o que entendíamos como diário. Neste exercício cada colega narrou suas vivências com diários.

Minha mãe era uma pessoa um tanto quanto invasiva... Não escondia que me vigiava e nem que mexia em minhas coisas. Eu preferia que ela ao menos fingisse que nada sabia, pois com ela tinha coisas que eu não queria partilhar. Interrompi as tentativas de escrever no diário. Parei de produzir provas contra mim<sup>5</sup>.

E era assim que eu me relacionava com o diário: como possíveis provas do que penso, faço ou tenho vontade de realizar. Ele era visto como confissão. Talvez não dos meus atos, mas de meus desejos, daqueles momentos em que saímos de nós e inventamos mundos, quando recusamos aquilo que somos e onde estamos, estranhando regras e formas de viver. Pensamentos soltos, fugas preparadas que poderiam me envergonhar diante de minha mãe.

Quando criança arquitetava mundos possíveis, inventava histórias nas quais amigos imaginários eram chamados para atuar, compor, fabular a vida. Conforme o mundo adulto ia se aproximando as fábulas iam ficando perigosas,

---

<sup>4</sup> Seminário Avançado I realizado no primeiro semestre de 2011 no Programa de Pós Graduação em Educação/ UFSM.

<sup>5</sup> Narrativa produzida durante o primeiro encontro da disciplina *Diários da e na pesquisa: seus usos e frutos/ 1º sem/2011*.

toda invenção sugeria um problema futuro, um desvio em relação a atitudes aceitáveis e desejadas.

Cada vez mais eu era tomada pela sensação de que já não cabia espaço para a invenção de mundo. Era preciso tomar a forma que o mundo adulto propunha.

Nestes processos a escrita foi perdendo seu potencial experimentador sobre si mesma. Pois como destaca Deleuze (1997, p. 12), “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas”, é também tensioná-las, inventá-las, sobrepô-las. Significa deixar a representação do vivido e adentrar em um esforço de reflexão que opere uma contração entre passado e presente, produzindo diferença.

São tantas as formas de escrita. Estou me desfazendo da ideia de confissão e reprodução de discursos instituídos. Procuo experimentar uma escrita que opere como prática de si, como exercício de autoria de mim mesma que possa funcionar como forma de resistência às tecnologias de assujeitamento.

Como afirma Vieira (2010, p. 192),

é a autonomia e a importância que as práticas de si possuem na Antiguidade que chamam a atenção de Foucault, pois nesse período elas ainda não eram investidas pelas instituições religiosas, pedagógicas, médicas ou psiquiátricas, como ocorreu na sociedade moderna.

Foucault (1995a) sempre se mostrou interessado nos problemas sobre as práticas de si, em relação à produção de um sujeito ético. Nesta perspectiva realizou uma série de estudos sobre a estética da existência na cultura greco-romana no intuito de organizar elementos que pudessem nos ajudar a pensar a produção de um sujeito ético em nossas relações contemporâneas.

Foucault aponta que nesse contexto a escrita de si mesmo desempenhou papel considerável nessas atividades, principalmente antes do cristianismo. Na ética dos estoicos, por exemplo, Foucault (1995b) não encontrou normalização, mas uma escolha pessoal de uma pequena elite. Seu principal objetivo era estético, o desejo de viver uma vida bela. Da mesma forma, os gregos estavam

preocupados com sua conduta moral, suas relações com os outros e consigo mesmos, muito mais do que com os problemas religiosos.

Assim, qual o papel que a escrita pode desempenhar em nossas práticas de si na contemporaneidade, especialmente na docência?

Preciosa (2010) aponta um possível caminho, podemos produzir uma escrita que abandone o hábito de ser. Escrever para se desprender dos discursos que afirmam que a vida, ou a docência, tem um propósito e que cabe a cada um de nós descobri-lo, revelá-lo.

Escrever para se fazer ouvir, para existir, para experimentar. Uma narrativa autobiográfica que nos permita constituir outros modos de pensar a partir do que já conhecemos.

A pesquisa narrativa foi me envolvendo por esse modo de pensamento no qual se organiza o conhecimento e as vivências. "En este sentido, uno no escoge la metodología sino que la metodología lo escoge a uno en función del foco de estudio que ha adoptado" (HERNÁNDEZ; RIFÀ, 2011, p. 14).

Sinto que fui capturada, nela encontro a possibilidade de realizar um diálogo com outras narrativas, outras vozes, compreendendo que estamos imersos em um mundo permeado por diferentes discursos. Um caminho, dentre tantos, que me permite estabelecer relações e produzir algumas colaborações para seguirmos pensando e problematizando a docência.

Com o decorrer das leituras fui percebendo que as recordações não são apenas a presença do passado, pois lembrar significa recompor, usar a imaginação, implica colocar esses fragmentos em diálogo com as narrativas produzidas hoje, assim como com as produzidas pelos outros com os quais me relaciono (LARROSA, 1994).

Enquanto narramos vamos produzindo agenciamentos, conexões que não são organizadas de forma linear, como se as coisas ocorressem umas depois das outras. Deleuze e Guattari (1995a) utilizam a noção de rizoma para descrever uma forma não linear de organização. O rizoma é sempre aberto e por isso faz

multiplicar pensamentos, linhas de fuga, que possibilitam acoplamentos, aproximações e cortes.

Pensar a produção de narrativas a partir do conceito de rizoma significa levar em consideração essas solicitações que ocorrem no presente. A cada vez que contamos algo, o fazemos de formas diferentes, reconstruímos algumas coisas, ocultamos outras, realizamos diferentes conexões. Portanto, esses relatos estão sempre em processo de vir a ser.

Deixar o campo estável do vivido como representação, como um reforço daquilo que fui e estou sendo apresenta-se, no entanto, como um desafio, pois ainda corremos o risco de tratar a memória como retenção e repetição do mesmo.

As lembranças são importantes, pois a partir delas identificamos, nomeamos e contextualizamos nossos modelos, representações, ações e etapas vivenciadas, mas o que podemos fazer a partir disso?

Como apontam Hernández e Rifà (2011) a autobiografia não precisa ser um texto extenso, já que a finalidade não é narrar toda uma vida, mas algumas opções que nos ajudem a construir nossa subjetividade. No contexto desta pesquisa, trata-se de narrar elementos que nos ajudem a refletir sobre os processos que produzem a subjetividade do docente em artes visuais.

Foucault aponta para as discontinuidades dos processos sociais, auxiliando-me a pensar a produção de narrativas. De acordo com Fischer (2007, p. 56), Foucault "questiona a concepção de uma história linear e contínua", ou seja, nesta perspectiva não há sucessão de fatos, nem um desenvolvimento evolutivo de forma a se chegar a um possível aperfeiçoamento ou verdade.

Nesse sentido, o que existe é uma constante experimentação. Não se trata de trazer à tona uma explicação das causas, mas elementos que possam nos provocar a pensar em como temos nos transformado naquilo que somos e pensar em estratégias para possíveis mudanças.

Desta forma, procuro tratar os discursos produzidos sobre a docência nesta pesquisa como invenções, como fragmentos das relações particulares que

estabelecemos com a profissão e que podem ser repensadas e problematizadas por outros docentes ou em outros momentos de nossa existência. Trata-se então de falar sobre a experiência, sobre os processos provisórios que produzem os sujeitos professores de artes visuais de forma a transformá-los dentro de nossas vivências particulares.

Desejo ser um campo de possibilidades, suspeitar de verdades, recusar formas prontas. Recuso-me a ser absorvida por discursos que nos fazem sentir aborrecimento e resignação. Sou como uma criança que deseja se movimentar neste mundo que parece estar dado.

Foi a partir da aprovação no concurso público da SEDUC / RS<sup>6</sup>, para a área de Linguagens e suas tecnologias, disciplina de Artes Visuais, que alguns questionamentos em relação aos discursos que conformam a disciplina de educação artística<sup>7</sup> na escola passaram a me provocar.

Venho de uma formação específica em artes visuais, que me dá condições para que eu tenha autonomia de pesquisa e planejamento em minha área. Mas, em relação a outras tantas questões que permeiam a docência em arte, como eu transitarei por esse território? Que formas de resistência é possível produzir? Tenho me perguntado como eu conseguirei, ou não, lidar com estas questões. E se eu não me adequar ao que esperam de uma professora de arte, o que será de mim?

Embates acontecem entre aquilo que acredito ser importante levar para o contexto escolar e as expectativas do grupo em relação ao trabalho que devo desenvolver. Tenho aprendido a olhar a arte para além da produção de um objeto considerado artístico ou de um dom que poucos possuem e percebo que essas percepções ora se fazem presentes, ora se dissipam no contexto escolar.

Existe ainda uma confusão em relação ao cargo que ocupo: professora de arte ou professora de artes visuais? Minha formação é artes visuais - licenciatura plena, pouco sei sobre teatro ou música para desempenhar um trabalho que

---

<sup>6</sup> Secretaria de Estado da Educação/ RS.

<sup>7</sup> Essa denominação já está mudando. Em muitas escolas a disciplina é nomeada como Arte.

contribua na formação dos estudantes, mas se em algum momento me for solicitado que eu desempenhe esse papel o que é possível fazer?

É esta angústia, esta inquietude que me move, que me faz produzir territórios, assim como querer falar sobre a docência em artes visuais. Investimentos de desejo que procuram atualizar práticas e discursos, produzir outras maneiras de estar sendo docente na contemporaneidade.

Estados de paralisação. Trocas com o meio. O que fazemos? Desejo falar das descontinuidades e fissuras. Escrever entre esses processos e com os ecos de outros.

Ao longo de seus escritos, Foucault (2012b, p. 255) procura conhecer "o conjunto de processos pelos quais o sujeito existe com seus diferentes problemas e obstáculos, e através de formas que estão longe de estarem concluídas", ajudando-me assim a pensar a docência como possível de uma existência ética, distante de relações analíticas e imutáveis. Nesta perspectiva me sinto incitada a conhecer os processos que nos produzem, entendendo que temos alguma autonomia nas relações que estabelecemos com estruturas sociais e políticas.

Nem encontrar ou produzir verdades incontestáveis, ou repetir clichês. Muito menos explicar ou constatar, legitimando aquilo que já se sabe. Mas exercitar o pensamento, entregar-me à experiência modificadora de mim mesma.

Neste trabalho procurei falar de acontecimentos, o que a partir de Foucault (1985a) não é um evento, algo dado, pronto, mas que demanda um trabalho de pensamento, que nos permite produzir sentidos através de combinações, descentramentos e particularidades. Foucault não percebe o acontecimento como algo que pode ser explicado historicamente, mas ao contrário, como algo que se dá a partir da tomada de consciência das rupturas das evidências induzidas por certos fatos. Desta forma o acontecimento se dá na irrupção de uma singularidade.

A carta enviada aos professores e as narrativas que eles produziram a partir deste primeiro movimento da pesquisa são o fio condutor para a produção desta narrativa autobiográfica. Anotações, imagens, narrativas de autores, de

professores com os quais tenho contato na escola, assim como vivências anteriores e impressões durante o processo, todas se misturam nessa polifonia.

Mas, como falar do indescritível?

O conhecimento narrativo parte de que a linguagem não se limita apenas a representar a realidade, mas a constrói, a partir das formas como os sujeitos dão sentido às suas próprias vidas e ao mundo. Desta forma, a linguagem possui papel importante na construção de significado e na experiência.

Esta función clave del lenguaje en la construcción de sentidos se muestra en que los relatos pueden ser reales o imaginarios, y como tales son 'indiferentes' con respecto a su referencia fáctica. El sentido viene dado primariamente por el propio discurso, no por su referencia. (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 22).

Nesse sentido, a memória tem papel importante. Mas não a memória de repetição, de lembrar o passado para permanecer no registro da queixa, da acusação, da recriminação. A questão não é acusar o passado, julgá-lo, muito menos encontrar uma possível verdade intacta nele.

Fazer uso da memória nesta pesquisa significa tensionar lembranças e esquecimentos, solicitar fragmentos que nos permitam produzir relações entre o que fomos e o que somos, assim como pensar em como temos nos construído durante esse processo.

Quando escrevo me conheço ou me invento? Nasço! Ao organizar narrativamente o tempo produzimos nossas subjetividades. Inventamo-nos e reinventamo-nos nesses exercícios.

Formas de organizar o que se pensa, se vive e se sente. "O corpo, uma engrenagem de sensações que intrigam textos o tempo todo", (PRECIOSA, 2010, p. 25). Vou narrando a partir dos relatos que eu escrevo/conto e daqueles que leio/escuto e, por isso, estarão sempre sendo construídos.

Dessa forma, sigo falando sobre minhas vivências com a arte, com a educação, com a docência e com a pesquisa, expandindo, percorrendo um novo caminho, conectando outros pontos que não aqueles do momento vivido.

## **2. Santa Maria, algum dia de sol durante o inverno de 2012.**

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu.

(Clarice Lispector, 1998, p. 21)

O vento norte carregou algumas coisas para longe, mas trouxe outras tantas para perto. Alterou o compasso, o fluxo. Tive algumas perdas neste processo. Precisei assumir isso e seguir em frente, inventar outro ritmo, mas ainda assim seguir o caminho que me levaria a conclusão do mestrado.

Processos de desterritorialização e reterritorialização acontecem a todo o momento e nesse contexto sentia que precisava investir em novas direções para que outros territórios de pesquisa e de docência surgissem, ou correr o risco de morte, de esvaziamento das razões para pesquisar e estar sendo docente.

Perplexa diante da simplicidade da vida apontada pelos autores que dialogam comigo neste texto, fui tomada pelo desejo de lançar convites de escrita aos professores.

De alguma forma, a partir da qualificação tudo o que eu não queria era entregar um questionário aos colaboradores e fazer perguntas que me fizessem correr o risco de achar que elas me revelariam toda a verdade. Meu desejo era de uma escrita compartilhada, agenciada.

Desta forma, inicialmente lancei o convite aos participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec), através do e-mail do grupo. Este é constituído por pesquisadores de diferentes regiões e universidades do Brasil, assim como de outros países, e seus membros participam de forma presencial ou virtual, sendo 63 membros no total. Ao contrário do que se possa pensar, neste grupo, não há uma unidade teórica. Há muitas frentes de visão epistemológica e política.

O convite foi direcionado a todos os professores de arte, dentro do grupo, que atuam na educação básica da rede pública de ensino. Em um primeiro

momento quatro professores entraram em contato comigo por e-mail, disponibilizando-se a fazer parte deste processo da pesquisa.

Assim, passei a pensar sobre a possibilidade de enviar uma carta aos professores, afinal, como corrobora Foucault (2012a, p. 150), "a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe".

A escrita é entendida aqui como exercício de si, como escrever-se, como produzir-se a si mesmo nesta experimentação. A carta nos dá a possibilidade de se manifestar para si mesmo e para os outros. Foi a forma que encontrei para dizer de mim e da pesquisa aos professores.

Ao começar a escrita da carta pautei-me nos objetivos da pesquisa e, por isso, subjetivei meu próprio discurso em relação à temática. De acordo com Foucault (2012a, p. 152) "a carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como 'bem próprio', constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma".

Não é possível negar que existiria ali a preocupação com o como seremos vistos por outros, aquela terrível sensação de que outra pessoa terá acesso ao que pensamos e sentimos, e a pergunta que não deixa de ser feita: como seremos interpretados? Sensações que dizem respeito a mim mesma e aos professores participantes. Como os professores se sentiriam ao recebê-la? E o que eu esperava como retorno? Que rumos a pesquisa tomaria a partir desse movimento?

Neste momento, já não me importo muito com o ponto de chegada. Quero experimentar os caminhos escolhidos para fazer esta pesquisa acontecer.

*Thalíce encontra em seu caminho um gato enigmático e fugidivo, dotado de um humor cáustico, que lhe lança enigmas constantes acerca de sua vida, de suas aspirações e inquietações.*

*Thalíce, em um de seus primeiros desejos de retorno ao seu tão sonhado “lar” pergunta ao gato:*

*“Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?”*

*Isto depende bastante de onde você quer chegar (...).*

*Eu não me importo muito com isso (...).*

*Então não importa muito que caminho você irá tomar.”*



Imagem 6. Fragmento da narrativa produzida por uma colega durante a disciplina Prática de Pesquisa B - 2010.

Como fazer de uma carta uma potência de invenção?

Passei dias a pensar em meus investimentos de desejo para a escrita desta carta tão importante para a pesquisa. Relembrando as correspondências escritas e trocadas com amigos, percebi que muitas vezes escrevia apenas para compartilhar coisas... Dizia o que eu vi, li, ouvi e fiz nos últimos tempos, no intuito de falar sobre aquilo que me afeta e me provoca a pensar sobre a vida.

E a vida, envolvendo tanto a pesquisa como a docência, encontra-se nesse processo que nunca termina de assujeitamento e resistência (FOUCAULT, 1995a). Convivo com essas duas faces das relações de poder e é isso que me afeta, que me provoca a seguir pensando a produção de minha subjetividade docente.

Dessa forma, decidi compartilhar um fragmento escrito por Suely Rolnik no livro *Cartografia Sentimental* (2006) que fala sobre o papel da mulher (noivinhas, como são nomeadas pela autora) no relacionamento amoroso.

\*\*\*

*Profess@s*

*Passei dias a pensar em meus investimentos de desejo para esta escrita.*

*Dias cinzas se passaram... Até aparecer o sol! Energia que me vitaliza, me enche de alegria e inspirações. Encontros, desencontros aconteceram... Até me encontrar novamente com o livro Cartografia Sentimental, de Suelly Rolnik, Desta forma, compartilho com vocês alguns fragmentos escritos por ela neste livro...*

.....  
1 CLAQUETE: MOVIMENTO UM

Uma câmera conduz. Você vê um homem e uma mulher se encontrando num lugar qualquer. Trocam olhares furtivos, se espreitam.

\*\*\*

2 CLAQUETE: MOVIMENTO DOIS

Nossa personagem feminina desdobra-se em duas.

**Primeira figura:** você vê uma cidade que tanto pode ser uma metrópole qualquer do mundo, antes dos anos 50, quanto uma cidadezinha do interior - de Minas, por exemplo - nos dias de hoje. Você percebe que nossa personagem, ao encontrar o tal homem que a atrai, sente "algo". Algo que titubeia, mas logo encontra uma forma de se apresentar: surge diante de você uma "aspirante-a-noivinha", com contornos bem definidos, para descanso de seu olhar e alívio de seu coração. O homem, por sua vez, responde com uma série de procedimentos reconhecíveis, extraídos do mesmo repertório.

(...)

Eles se entendem. Você tem a impressão de que, no invisível da atração, cada um acaricia a "alma" do outro e lhe diz: "tua vida faz sentido, tem charme". Eles vão se aproximando. Diante de você está uma "aspirante-a-noivinha-que-vinga".

\*\*\*

3 CLAQUETE: MOVIMENTO TRÊS

**Segunda figura:** a câmera o transporta agora a uma superfície qualquer, a partir dos anos 50. O começo da sequência é igual: a personagem encontra o tal homem, sente algo. Sua primeira reação, quase automática, é tentar esboçar a exteriorização desse algo na máscara de aspirante-a-noivinha. Só que aqui não funciona. O que você vê é uma moça muito atrapalhada. O que você e ela não veem - nem poderiam "ver" - é que as intensidades que ela experimenta no encontro são como partículas soltas de afetos, lascas que escaparam às máscaras do território matrimonial que, nos últimos tempos, têm sofrido um processo galopante de desabamento. Você pondera: a "noivinha" é inadequada para dar andamento a essa cena. E por não se prestar à orientação dos afetos nascidos do encontro que ela está vivendo, esse tipo de máscara não mais se beneficia de oxigenação afetiva: tornou-se obsoleto. É uma "aspirante-a-noivinha-que-gora", você conclui.

\*\*\*

4 CLAQUETE: VARIAÇÕES DO TERCEIRO MOVIMENTO

Agora nossa segunda figura, a aspirante-a-noivinha-que-gora, se desdobra em duas: dois destinos possíveis, sempre no mesmo contexto, superurbano, superatual.

Primeiro: perplexo, você nota que a personagem, embora constrangida, insiste. Gruda na máscara de noivinha, como se ela fosse sua essência. De medo de despedaçar, você percebe; de medo de fracassar, pensa ela, certamente.

(...)

Uma "noivinha-que-gora-e-gruda", você nomeia, continuando suas observações.

Segunda: é uma personagem totalmente outra. Mais corajosa, talvez, ela aguenta ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto - sua máscara desterritorializada - cava em sua alma.

(...)

Ela deixa que, pouco a pouco, uma nova máscara, uma série de novas máscaras, possam ir se delineando em seu corpo, de modo a compor um plano de consistência para seus afetos. Talvez isso nem chegue a acontecer. Mas de qualquer maneira não tem outro jeito, você pensa (e ela, provavelmente, também): só assim será

possível funcionar um território para aquele encontro. Parece que ela sabe disso sem saber, pois no seu caso a máscara de noivinha tornou-se, de fato, uma prisão – e ela quer se libertar.

(...)

É uma "noivinha-que-gora-e-descola", concluímos.

.....

*Estes fragmentos não ilustram coisa alguma, não contam uma história, nem lançam uma fantasia. Desejo que nos evoquem sentidos, palavras que possam se tornar existência.*

*Sinto necessidade de palavras... De escrever como nos produzimos professor@s de artes visuais.*

*Como nos diz Clarice Lispector no livro *Água Viva*, "escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante, é também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende a música: ouve-se".*

*Quero escrever como quem aprende, não busco respostas certas. Desejo falar da invenção do hoje e do passado. Daquilo que vinga e que gora. Dos nossos grudes e descolagens.*

*Quero pôr em palavras como nos produzimos professor@s de artes visuais, mas sem nenhuma descrição. Desejo uma verdade inventada por nós.*

*Escrevo como exercícios de esboço...*

*E deixo a vocês nesse momento um convite de escrita... Um exercício de falar de si, a produção de uma narrativa que diz daquilo que nos acontece e nos produz enquanto sujeitos, professor@s de artes visuais. Desejo entregue em palavras. Palavras de encontros e desencontros, daquilo que pulsa, inibe e nos afeta.*

*Roubo mais uma vez as palavras de Clarice Lispector:*

*"O que escrevo-lhes continua e estou enfeitada"*

*Aguardo a continuação...*

*Thais Paz*

\*\*\*

Uma carta que compartilhou o fragmento de um texto que me diz tantas coisas. Fala de poderes subjetivantes, de medo, de mal-estar, de coragem, de vigor.

Fala dessa nossa busca incansável para ter uma identidade. Uma estrutura, uma forma sólida que nos tranquilize. Afinal, a sociedade diz "que precisamos ter uma identidade estável, buscar uma identidade, assumir uma configuração cristalizada de uma forma de ser" (PEREIRA, 1996, p. 43).

Diz da coragem de se permitir ser afetada, de resistir e inventar outros caminhos.

Afinal, como estamos sendo professores de artes visuais?

Somos somente como a noivinha-que-gora-e-gruda ou em alguns momentos nos permitimos ser como a noivinha-que-gora-e-descola?

Rolnik (2006) discorre também sobre a noivinha-que-vinga. A vida dessa personagem narrada pela autora tem sentido, ela habita o território. No entanto, provavelmente, logo ela passará ao movimento no qual a máscara vencerá, não por ela ser ruim ou falsa, mas porque as coisas mudam, territórios são desfeitos e novos agenciamentos acontecem.

Na escola, os comentários sobre arte disseminam-se, quase sem a menor suspeita dos textos primeiros que os originaram. Assim, são comuns os discursos que reforçam a arte como um exercício de cópias de modelos, cópia fotográfica do real ou de reprodução de certos cânones ou padrões de beleza. (LOPONTE, 2005, p. 17).

Há momentos nos quais os discursos fazem sentido, nos permitem habitar o território da docência em arte. Mas, quando as coisas começam a se deslocar, como agimos?

Podemos pensar problematicamente, fazer de nossas insatisfações possibilidade de recomeço, procurar maneiras de nos relacionarmos de outras formas no coletivo do qual fazemos parte.

Mas, afinal, o que ela pôde dizer dos professores que aceitaram recebê-la?

De retorno três narrativas. Um espaço em branco. Silêncio que produz escritas nas entrelinhas.

Um email reticente de alguém que não quis dizer nada. Talvez não tenha entendido onde eu queria chegar. Talvez tenha sentido medo, pois não indiquei o que eu, enquanto pesquisadora, esperava. Medo de ser julgado, de falar bobagens, de não atingir o que a pesquisadora esperava. Ou, ainda, o destinatário não se sentiu afetado, convidado a falar, não sentiu cumplicidade ou confiança. Depois do pedido de reenvio, não houve retorno, nenhuma justificativa, apenas a ausência.

Não posso dizer o que ocorreu, posso apenas imaginar... Juntar os fragmentos e inventar outra narrativa.

Deleuze e Guattari (1996) discorrem sobre o endurecimento dos nossos segmentos, sobre a nossa entrega à lógica binária e sobre a tranquilidade que esse posicionamento nos traz. Agarramo-nos à organização molar e a arborescências que nos sustentam, pois tememos o tempo todo perder.

Lembram-se do vento norte? Há quem insista em não permitir que ele modifique sua velocidade, seu compasso ou mesmo o rumo... Mas um fio de cabelo que é despenteado, ou uma poeira que penetra nos olhos, já são algo que intervém em nossa existência e, por isso, nos força a reagir.

Neste sentido, penso que o silêncio também pode produzir passagens.

No contexto da pesquisa, provoca-me algumas reflexões, deixa algumas perguntas em aberto. A principal: por que não sabemos o que fazer quando não nos dizem aonde querem que cheguemos?

Não havia ponto de chegada. O que tínhamos era apenas a proposição de uma experiência de escrita, um convite para que juntos nos perdêssemos em tessituras que são infinitamente possíveis. A possibilidade de caminhar. Uma caminhada, da qual fala Masschelein (2008), que não significa a busca por um determinado lugar, mas por uma relação totalmente diferente com o presente. Trata-se de se entregar, de embarcar para seguir o caminho, expondo-se ao seu comando.

Não uma imposição, mas aquilo que nos põe em movimento. Uma carta que não tinha por intenção ser entendida, nem nos levar a um lugar ideal. Apenas uma impulsão que pudesse nos deslocar. Provocar outros movimentos.

A questão do caminhar não é que ele nos ofereceria uma visão (leitura) 'melhor' ou uma visão mais completa, que nos permitiria transgredir os limites de nossa perspectiva, mas sim que ele nos permite, por assim dizer, uma visão além de toda perspectiva, um olhar que nos transforma (e é, portanto, experiência) enquanto a sua evidência nos comanda. Ele permite um olhar além de toda perspectiva, já que a perspectiva está presa a um ponto de vista no sentido de posição subjetiva, ou seja, exatamente a posição do sujeito em relação a um objeto/objetivo. (MASSCHELEIN, 2008, p.37).

Neste sentido, caminhar significa colocar-se à disposição de determinado momento ou situação, expor-se aos acontecimentos de forma a possibilitar

experiências. Para tal se faz necessário que estejamos atentos, e isso significa abrir-nos para as possibilidades. Estar atento é estar presente, como diz Masschelein (2008, p. 42) “estar ali de tal forma que o presente seja capaz de se apresentar a mim”, de nos expormos de forma que sejamos contaminados e atravessados por esse presente.

A experiência tem sempre uma dimensão de incerteza, na qual não se pode antecipar o resultado. É uma abertura para o desconhecido, um caminho no qual não existe um objetivo previsto.

Ainda que não existisse um ponto de chegada, se fazia necessária uma posição que se abrisse à produção de sentidos. Uma disposição, uma abertura desinteressada ao escrever sobre si mesmo.

Eu não queria propor um momento de catarse ou escrita celebratória, mas sim uma narrativa que incitasse a invenção, a produção. Para que juntos pudéssemos experimentar desintoxicar, dar vazão ao pedido de socorro e espaço para viver sem, no entanto, parecer sentimental.

Escrever é, portanto, 'se mostrar', se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (FOUCAULT, 2012a, p. 152).

Desta forma, as narrativas produzidas pelos professores não estão livres de mim ou da pesquisa. Pelo contrário, elas são produzidas a partir da carta enviada e ali existe um direcionamento, uma presença imediata, quase física, que acaba por provocar um exame, uma avaliação que se dá a partir dos meus ditos.

A narrativa de forma alguma é livre de outros discursos, porém, são inerentes a cada indivíduo os formatos que ele escolhe para falar sobre si mesmo e sobre suas experiências vividas. O relato autobiográfico não apresenta o personagem visto de fora, como uma verdade de si, mas como ele acredita, quer ou deve ser perante outros.

Fundamentada em Foucault, esclareço que a questão aqui não é a de decifrar, descobrir o outro, para assim colonizá-lo, mas de, a partir dessa abertura, estabelecer relações com o outro. Relações que dizem de mim, mas também dizem do múltiplo.

Daqueles que abriram suas janelas para sentir um pouco do vento que soprava forte em Santa Maria, sinto que existem angústias, mas também permanecem a vontade de amar, de inventar outras percepções do mundo e de expor-se a novos caminhos.

Apresento-lhes agora os companheiros desta caminhada a partir do meu olhar e das vivências que tivemos em momentos anteriores a pesquisa:

**Caue** atua como professor de arte no município de Rio Branco / Acre. Da convivência que tivemos durante a graduação marca-me sua entrega à linguagem artística da performance. Acompanho sua prática docente também através do *Facebook*<sup>8</sup>, onde são postadas fotos, comentários e textos pelo próprio professor e também pelos estudantes.

**Silvia** atua como professora de arte no município de Selbach / RS e professora pesquisadora na Universidade Aberta do Brasil (UAB). Realizou o mestrado em Educação pelo PPGE, na linha de pesquisa Educação e Artes. Compartilhamos muitos encontros no GEPAEC, do qual hoje Silvia participa como membro virtual.

**Marli** atua como professora de arte no Instituto Federal Farroupilha, no campus de Panambi / RS. É doutoranda em Educação pelo PPGE, na linha Educação e Artes, sob orientação da professora Marilda. Além das reuniões de orientação, partilhamos dos encontros promovidos pelo GEPAEC.

A seguir continuo a narrar alguns pontos que os escritos produzidos pelos três professores dizem de mim. Não que, de certa forma, já não apareçam nos escritos anteriores, pois este texto dissertativo não existe sem eles. A minha

---

<sup>8</sup> O *Facebook* é uma rede social que reúne pessoas a seus amigos e àqueles com quem trabalham, estudam e convivem. O *site* existe desde 2004 e reúne mais de 1 bilhão de usuários ativos.

narrativa somente toma forma com os discursos destes outros que se confundem, na troca com o meio em que circulam.

O que importa aqui não é descrever os professores, mas falar daquilo que se passa entre nossos corpos, intensidades que não são de uma coisa, de uma pessoa, mas de um momento, de um lugar, de uma atmosfera...

Trabalhei com a noção de ressonância, que como define Carola Conle (1996, *apud* Hernández; Rifà, 2011), é um processo de compreensão no qual é importante estar atento aos ecos que a leitura produz no leitor. Dessa maneira, as narrativas produzidas pelos professores me ajudam a dar novos sentidos aos escritos que vão compondo a própria pesquisa.

### 3. Dias de chuva, ano de 2012.

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.

(Clarice Lispector, 1998, p. 22)

Depois do vento norte vem a chuva. E com ela o momento de voltar-se, fechar-se... Mesmo que seja para em breve escapar novamente.

Finalmente o vento norte deu uma trégua. Depois de todas as desordens provocadas por ele, o que quero agora é experimentar esses tempos de chuvas, fazer disso um estado vivido.

Acordar com a gostosa sensação de tranquilidade que uma chuva branda traz. Perceber agora que a desorganização do eu como passagem de afetos só acontece quando nos permitimos ser atravessados pelas sensações, quando damos cores aos nossos dias.

Desta forma, ao procurar produzir outros sentidos para as leituras realizadas durante a pesquisa, assumo a importância de, ao pesquisar com autores como Foucault, Deleuze, Guattari e Rolnik, deixar-me contagiar, perder-me, abandonando, ainda que provisoriamente, as referências para entrar nesse processo de dissolução de certezas a que eles nos conduzem.

Imagem 7. Pista 3 do projeto coletivo *Descalços*. 2000.



Após essas observações e vivências meu sapato continuará o mesmo? Penso que se faz necessário usá-lo e sujá-lo, assim como trocá-lo quando estiver gasto demais...<sup>9</sup>

Finalmente não me contentei mais em apenas olhar de fora os transeuntes. Decidi habitar os espaços nos quais meus pés pisam. Permiti-me afetar e ser afetada, e expandi as intensidades. "É que quando se está vivo não se pára de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros", (ROLNIK, 2006, p. 49).

Fluxo que compreende diferentes afetos: frescor, cansaço, timidez, coragem, estabilidade, desequilíbrio... Todos eles, sem ordem e até ao mesmo tempo! Processos que desencadeiam mudanças, variações no estar sendo.

O vento norte, os dias de sol e de chuvas, a qualificação do projeto, a carta enviada, as cartas recebidas, a nomeação no concurso do Magistério Estadual do RS e as tantas outras vivências que tive produziram variações na pesquisa.

Que marcas levo de onde eu piso?

Ao receber as narrativas dos professores percebo que os sentidos escapam, não temos controle sobre o que virá. Dentro do que me é possível narro como suas vozes chegam a mim e as ressonâncias que produzem em meu corpo.

A pesquisa foi afetada e, por isso, ampliou-se para além do que era esperado.

Um tema tão cotidiano, um tema da vida. Conversas que embalam o cafezinho no bar, encontros de formação continuada e o intervalo na sala dos professores. Essa angústia de estar sendo docente, da recusa ou dificuldades em lidar com o sistema no qual estamos envolvidos. Um tal medo de fracassar, de enlouquecer, de morrer. Murmúrios que constituem a docência e nos forçam a seguir pensando suas possibilidades de vida.

---

<sup>9</sup> Anotação produzida em uma das aulas no Mestrado em Educação (PPGE/UFSM), em 2011, após conhecer a produção artística *Descalços* (2000) e participar da discussão sobre o texto "A vida como obra de arte" do livro *Conversações* (DELEUZE, 1992).

Como fazer de um tema tão frequentemente presente em encontros informais uma pesquisa científica que possa contribuir para seguirmos repensando nossa prática docente?

Parece que já se disse tudo sobre os problemas que envolvem o ensino de arte: desvalorização da disciplina, má-formação de professores, falta de definição dos currículos e finalidades deste ensino, falta de recursos e material. Sem falar, é claro, dos demais problemas crônicos da educação brasileira: baixos salários docentes, más condições de trabalho, falta de infraestrutura nas escolas, (LOPONTE, 2005, p. 12).

Assim como Loponte, desconfio da naturalidade desses discursos. Por isso, quero falar mais uma vez sobre a docência em artes visuais, sem, no entanto, repetir o mesmo. Quero olhar para a descontinuidade dos modos de existência na docência e, quem sabe, produzir diferença. Adentro esse coletivo de forças porque sinto que não é mais possível assumir determinados discursos.

Como nos produzimos professores de artes visuais? Quais as possibilidades que temos ao fazer de nossa docência modos de existência?

Nesta pesquisa assumo o posicionamento de que não é apenas pela obtenção do diploma ou pelo fato de "dar aulas" que me faço professora de artes visuais. Estar sendo professor é entendido aqui como uma condição, uma diferença que experimentamos na produção de si.

Pereira (1996) corrobora ao propor o conceito de professoralidade, que não é uma identidade, mas uma diferença que o sujeito produz em si. Significa considerar a processualidade, a subjetividade, enquanto fases do ser que são produzidas no interior de práticas coletivas, institucionais e sociais.

Corazza (2008) aponta para um docente da diferença, que ressalta seu próprio potencial de variação contínua. Para o pensamento da diferença o importante é a própria operação de individuação.

A docência apontada pelos autores e que trago para este diálogo nada tem a ver com um conceito, uma forma-docente. Pelo contrário, é fugidia, escapa a definições, pois é sempre potência de ser outra coisa.

*O sol parte ao meio, jornada encerrada, mas não acabada.*

*Um até mais, dois até breve, três até amanhã*

*Pra mais uma arte!*

*Pra mais um rabisco!*

*Pra mais uma palavra!*

*Pra mais uma imagem! (Caue)*

Jornadas que se encerram provisoriamente, mas que não acabam enquanto houver vida. Vivências que não se repetem, ainda que os conteúdos e os grupos com os quais trabalhamos sejam os mesmos. Um produzir-se a si mesmo diário.

Não se trata de falar sobre modelos de ser docente condicionados ao social, a simples adaptações a normas e teorias vigentes, mas de maneiras que alternam de acordo com a própria vivência, na relação consigo e com o coletivo de trabalho, assim como com o tempo experienciado.

É nesse processo que ocorre a abertura para a invenção de si. “Quando falamos em invenção recorreremos a sua etimologia latina – *invenire* –, que significa compor com restos arqueológicos” (KASTRUP, 2005, p. 1278). Nesta perspectiva inventar não é produzir algo novo, mas, a partir da invenção de problemas, atualizar modos de ser.

Desmanchamento de formas que nos relançam no plano de forças. Produzem-se assim outros tantos de nós. Para que a invenção de fato aconteça faz-se necessário uma dessubjetivação. Processo contínuo, permanente, que não se fecha com uma solução, precisando ser sempre reativado.

Como aponta Guattari (1992), a subjetividade é parcial, pré-pessoal, polifônica, coletiva e maquina, sua produção está sempre em movimento, tornando-se impossível defini-la ou estruturá-la. Falar sobre subjetividade é diferente de tentar compreender o sujeito, pois significa refletir sobre a produção de formas de pensamento, de desejo, de ação, de modos de relação consigo mesmo e com o mundo.

Nesta perspectiva não estamos diante de uma essência, mas envolvidos em processos e atravessamentos. A subjetividade é indissociável da ideia de produção, assim como é condição de todo sujeito.

Da mesma maneira, penso que não há uma essência na condição de ser docente e nem verdades que não sejam possíveis de mudança, mas construções produzidas histórico e socialmente. Deleuze (1992, p. 123) nos aponta que os "processos de subjetivação são inteiramente variáveis, conforme as épocas, e se fazem segundo regras muito diferentes". Ou seja, se pensarmos a docência em arte na década de 90 (apontada na narrativa da professora Marli) percebemos que ela se construía a partir de determinadas regras e ideias relacionadas à salvação dos sujeitos, como possibilidade de produzir grandes mudanças na sociedade.

Com o tempo essas percepções se modificam, e a docência é uma produção que leva em conta essas transformações sociais. "O processo de singularização da subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando, dimensões de diferentes espécies", (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 46). Por isso ela não tem a ver com a pessoa, com o indivíduo, exclusivamente, mas com os afetos, com os sentidos dados ao que acontece em relação ao meio social e político no qual convive. Ela é resultado desse entrecruzamento de resoluções coletivas.

A subjetividade é social, no entanto, é assumida e vivida pelos indivíduos em suas existências particulares. Não existe uma subjetividade do tipo recipiente na qual se colocariam as coisas exteriores e que, a partir disso, seriam interiorizadas. Ela é constituída de diferentes elementos que entram em relação, produzindo agenciamentos, conexões, linhas de fuga.

Guattari e Rolnik (2011, p. 43) apontam ainda que "um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia), (...) uma relação com o universo de circulação na cidade", são elementos que, por exemplo, constituem a subjetividade. Tem a ver com as formas como sentimos e respiramos, como temos vontade ou não de falar, de estar em determinado lugar ou ir embora. Dessa forma, essas produções estão sempre em caminhos a serem destruídos, reconstruídos, desfeitos e recolocados em funcionamento.

A partir dessas reflexões compreendo que o sujeito não é dado, mas constituído numa relação de si. A partir dessas primeiras impressões e de

acordo com o que aponta Foucault (1995b, p. 262), "a partir da ideia de que o eu não nos é dado, creio que há apenas uma consequência prática: temos que nos criar a nós mesmos como uma obra de arte".

*Comecei a observar mais os demais professores, buscando assimilar modelos, copiar algumas coisas, questionar em mim outras e procurava trocar ideias. (Marli)*

Não há uma essência, uma forma natural de docente. Ao longo de nossas vivências compartilhamos muitos modos de ser, de nos produzirmos e nos relacionarmos. Desse modo, podemos perceber que sempre existirá muitas outras possibilidades, outras tantas maneiras de exercermos a docência.

Em sua tese, Loponte (2005) procurou relacionar a docência artista com as práticas da escrita de si e das relações de amizade, como formas possíveis de resistência e de subversão aos poderes subjetivantes. Sua pesquisa aconteceu a partir de um trabalho de formação docente em arte realizado com um grupo de professoras na Universidade de Santa Cruz do Sul / RS.

A docência artista discutida pela autora não intenciona tornar-se mais um modelo a ser repetido ou uma forma de alcançar uma docência melhor, mas pensá-la enquanto uma produção experimental. A escrita durante essa experiência se apresentou como uma ferramenta importante, já que de acordo com Loponte (2005, p. 190) "na escola, há pouco espaço para a escrita docente, que escape de uma escrita obrigatória e burocrática".

Ao compreender a importância da escrita na pesquisa realizada, procurei pensar a produção de narrativas como forma de resistência, uma prática de liberdade que me permitisse pensar os processos de subjetivação na docência.

Nestes escritos, a partir dos rumos que a pesquisa tem tomado e do posicionamento que tenho assumido, já não importa saber o que é ser professor, mas sim como ele vai se transformando, que rumos ele vai dando aos momentos de encontro, de dificuldades ou de realizações.

Ao falar em docência, tenho procurado garantir sua processualidade. Um permanente processo de produzir, reinventar modos de ser e estar no mundo,

formas de lidar com os outros, com as coisas e consigo mesmo, maneiras de tratar com o que já existe e dar lugar ao que ainda não existia (PEREIRA, 2009).

Nessas experimentações de escrever distraidamente vou buscando produzir uma falta de sentido que nos envolva, vivenciando a desconstrução daquilo que conhecemos e temos como certo, fabulando outros espaços de existência.

Como aponta Preciosa (2010, p. 60) "desgrudar das ideias saídas de um acervo de prescrições, que à força do hábito, despejamos em nossa vida, fórmulas entravadas que espantam outras de qualidade mais rara".

Uma narrativa que nos permita passar intensidades, produzi-las e distribuí-las. Intervirmos em nós mesmos, contraindo e esticando, tensionando os discursos e, talvez, compondo algumas ações possíveis.

### **3.1. Quando manter-me viva não basta...**

A graduação em artes visuais foi uma escolha dentre tantas outras que poderiam ter sido feitas. Por isso, penso que não é necessário explicá-la, mas trazer nestes escritos algumas questões que possam ajudar a pensar em como ela tem me transformado, me possibilitado perambular sobre a arte e suas relações com a vida e inclusive com a docência.

Nestas vivências momentos dedicados aos estudos sobre a cultura visual. Um olhar que me permitiu compreender a arte não como algo exterior a nós, mas como algo que constitui parte do que somos.

Não se trata de um modismo, nem de um padrão, pois a cultura visual não é um fim e sim um meio que dentre tantas possibilidades pode proporcionar experiências de deslocamento e criação. Hernández (2011) indica que a cultura visual não é uma perspectiva da educação das artes, mas, sobretudo, para aqueles que desejam questionar identidades pré-fixadas.

É assim que a vejo circular nesta pesquisa, como um posicionamento que se expõe ao deslocamento, construído inicialmente na graduação e que tem

continuidade nas leituras que tenho realizado. Não é o ponto central, tampouco é a única verdade, mas, certamente, ainda circulam afetos dessa experiência.

A arte faz parte de nossas vidas. Uma perspectiva que me permite reinventar o cotidiano. Foucault (1995b) há muito já se surpreendia com o fato de que a arte seja tão especializada ao ponto de restringir-se a objetos, sendo esquecida enquanto posicionamento, maneiras de dar outros sentidos à vida.

O que significa sermos artistas da nossa existência na contemporaneidade? A arte contemporânea está muito mais para o processo, distante dos "ismos" que marcaram a modernidade. Hoje, a arte tem passado por mudanças que dizem respeito ao próprio modo de olhar a vida. É um outro momento e sinto que nossa existência também implora por outras formas de cuidado.

Estabelecer uma relação consigo, uma escolha que podemos fazer ao dirigir para si o próprio olhar e a atenção. Um posicionamento que envolve certo domínio para então podermos compor, propor novos arranjos. Questionar os ditos, conhecer as regras de conduta ou de princípios que são ao mesmo tempo verdades e prescrições, munindo-se delas para produzir outras formas de vida.

Na docência em artes visuais encontramos dificuldades. Leis que não são cumpridas, representações que nos perseguem, práticas que são naturalmente esperadas e desejadas. Na escola constantemente sou chamada para decorar ou ensinar técnicas de artesanato.

*Estes abismos também me produzem. Eles fazem com que não morra meu interesse em construir pontes. (Silvia)*

Sinto que não me encaixo nas representações habitualmente difundidas de uma professora de arte. Desamparos que acendem o desejo e provocam-me a pegar caminhos desconhecidos, questionando qualquer orientação pré-estabelecida.

Será que já dissemos tudo sobre a docência em artes visuais? Não quero aqui me deter às inúmeras dificuldades e abismos que a produzem, pois penso que ela é vivida de formas muito diferenciadas pelos docentes. Tenho percebido

que não somos uns abandonados, nem estamos entregues ao desespero; existe sim a possibilidade de alegria. Uma felicidade que é percebida justamente porque existem as dificuldades, porque nos empenhamos a construir pontes.

Estas reflexões me reportam a obra "Cuide de Você", de Sophie Calle.

Uma mulher francesa recebe um email do amante. Ao abri-lo descobre que o assunto principal é o rompimento do relacionamento. Ao final, na última linha escrita, apenas um desejo: cuide de você!

A mulher, uma artista contemporânea que decide levar ao pé da letra o cuidado consigo, investe na arte e se faz existir!

Em diferentes lugares do mundo 107 mulheres recebem a mesma carta com o convite de interpretá-la, dar-lhe sentidos. Produzem-se então conselhos, consolo, exercícios de si que procuram ampliar os discursos.

Então, pensamos que finalmente Sophie saberá o que fazer, terá uma resposta para sua inquietude. No entanto, somos invadidos por narrativas, danças, cantos. Bailarinas, estudantes, crianças, advogadas, escritoras, entre outras, falam a partir de si.

E agora? O que fazemos com tudo isso? Como pensar uma produção artística como esta?

Na ocasião em que tive contato com a produção da artista Sophie Calle, senti-me provocada a pensar nossa relação com a arte, com o tempo, com a vida.

Fiz inúmeras relações com a arte que conhecia e, inclusive, com a que eu mesma produzia. Passei a me interessar por estes trabalhos que inquietam nosso senso comum, nos forçando a recombina-los, para que da falta de sentido inventemos pontes que nos ajudem nessa travessia. E a travessia aqui não tem nada a ver com revelar e, sim, com fazer passar intensidades, desestabilizar representações.

"Cuide de você" é um título bastante sugestivo. A mim diz tantas coisas...

Hoje penso em como estas operações podem nos construir enquanto docentes. Como nós, professores, temos nos cuidado em nosso trabalho? O que um "cuide de você" pode produzir na escola?

São vivências em arte que vibram em tudo aquilo que está vivo, que nos provocam a pensar sobre nossos próprios modos de responder à vida, nossas maneiras de existir em determinados contextos, assim como a/s forma/s que cada um de nós utiliza para cuidar de si.

Um mesmo texto é ponto de partida para a invenção, para a atualização de modos de ser. O que temos aqui é a possibilidade de reinvenção do vivido. De fazer rizoma, de compor um mapa com a carta recebida por Sophie e interpretada diversas vezes por outras mulheres. E se fossem homens a interpretar a carta? Quais outros sentidos seriam produzidos a partir do mesmo convite?

Nesta escrita a produção artística "Cuide de você" potencializa as discussões sobre a produção de narrativas. Ajuda-me a pensar sobre o que diz Bruner (1997) quando destaca que cada pessoa tem sua própria versão narrativa do acontecimento e que esta está relacionada com seus sentimentos e crenças vinculados aos seus valores sociais, culturais, etc.

Quando penso na carta recebida por Sophie Calle e nos rumos que a artista deu a esse momento de despedida e de dor, percebo a importância de seguirmos nos cuidando no exercício da docência, de repensarmos nossa existência, abandonarmos algumas coisas para, enfim, produzirmos outras. Experimentar despedir-se e fazer dessa despedida abertura para receber.

Que relações estabelecemos com o amor? De que maneiras lidamos com a docência? Que narrativas podemos inventar para os momentos de desencaixes?

Sempre me pego imaginando que, talvez, a carta não tenha sido escrita pelo ex-amante, mas forjada, inventada pela própria artista a fim de fazer funcionar uma ideia, fazer existir maneiras de lidar com o amor (ou com a ausência dele).

Não sei por que me interesse por isso. É a tal preocupação com a verdade me assediando mais uma vez! Mas não importa. Verdade ou ficção a narrativa existe, fazendo funcionar toda uma relação de cuidados consigo.

A produção de Sophie Calle exige uma atitude ligada a nossa sensibilidade, a nossa capacidade de escutar, de observar, de gerenciar, de receber e deixar-se levar. Atos de entrega, de processo, de investigação da própria existência. Como pensar esses estados de si na docência?

Algumas vivências na graduação já me provocavam a tentar fugir dessa lógica que nos assegura o que é certo. Mas, ainda assim eu era alguém que, mesmo vivenciando a instabilidade formativa, tentava a todo custo agarrar-me a alguma estrutura.

Parece loucura pensar inventivamente! Os momentos de estratificação não me abandonam. Volta e meia estão aí, puxando-me de volta para alguma possível essência existente.

Seria possível chegarmos todos ao mesmo ponto? Sentir e viver o amor da mesma maneira? E em relação à docência, será possível vivê-la do mesmo modo?

Preciosa (2010, p. 81) anuncia que "a verdade da razão, gerida por estabilidades e totalidades, revela ser um território falido". A busca de uma forma, de um modelo a que todos deveriam submeter-se, anuncia um desastre.

Na educação das artes visuais existem práticas que não provocam estranhamentos, relações que são naturalmente aceitas. No entanto, tantas outras experimentações também são produzidas, inquietações e movimentações que são próprias daqueles que vivem.

Vivências que se configuram aqui como exercícios de tempo. Exercícios nos quais talvez não encontremos aquilo que tem nos alimentado, mas quem sabe nos indiquem possibilidades para inventar outros percursos de nós mesmos.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num

de vir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 11)

Na medida em que a linguagem media o funcionamento da experiência através do pensar, sentir e atuar, a narrativa reorganiza essa experiência e os próprios modos de atuação dos indivíduos. Nos relatos realizamos escolhas, tecemos relações, compomos com tudo aquilo que produz nossa existência.

Sobre isso, Larrosa (1994, p. 66) pontua que a narrativa da experiência de si

dependerá desse processo interminável de ouvir e ler histórias, de contar histórias, de mesclar histórias, de contrapor algumas histórias a outras, de participar, em suma, desse gigantesco e agitado conjunto de histórias que é a cultura.

Portanto, é importante compreendê-la enquanto algo que não se produz na solidão, mas em um diálogo entre narrativas.

Um impulso vital, um desejo de compartilhar vivências e narrativas, de traçar estilos de vida tão diferentes quanto possível uns dos outros, arremessam-me nesse vento. Rodopio sem cuidado em busca da invenção de outros percursos de nós mesmos!

Quem sabe durante esse exercício de falta de sentido experimentaremos o vigor da vida acordada.

#### **4. Ijuí, algum dia de primavera, outro ciclo que se inicia no ano de 2012.**

Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo 'águas abundantes' estou falando da força de corpo nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio.

(Clarice Lispector, 1998, p. 30)

Docente que lê poesias, canta alto, faz delirar a escrita de si, é sufocado pelas incertezas, ouve músicas, viaja para longe e para perto, sente medo de explorar lugares desconhecidos, conhece artistas, veste-se de modelos, encanta-se com imagens e histórias, constrói pontes, recusa cópias, é arrastado pelo vento norte, dança na chuva ou simplesmente deixa-se envolver pelo seu som.

Tenho até aqui algumas reflexões iniciais de como eu tenho pensado, sentido, experimentado a arte de existir, de viver, de estar sendo. Durante a graduação vivenciei momentos de descobertas, de reinvenção. Iniciei contato com autores que nos dizem que existe um mundo que pode ser, que pulsa em um mundo que é. Que tem um nascimento difícil, mas ainda assim possível.

Na escola, nos discursos de alguns professores, ainda persiste a separação entre teoria e prática. Ao ser nomeada professora de artes visuais, junto com esta nova etapa em minha vida, veio a necessidade de experimentar teoria e prática. Para além de dualidades e separações.

Produzir formas de resistência nesse ambiente chamado escola. Microprocessos revolucionários (GUATTARI; ROLNIK, 2011) que aquecem as relações, percepções inteiramente novas diante do desejo e do cotidiano.

De acordo com Foucault (1995a)

quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo 'governo' dos homens, uns pelos outros - no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre 'sujeitos livres', enquanto 'livres' - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer.

Não existe relação de poder sem resistência, sem luta. Os poderes subjetivantes sempre existirão, mas temos a possibilidade de traçar linhas de fuga para inventarmos outras formas de existência. Por isso acredito que é possível diminuir a importância do que já está dado e experimentar aquilo que ainda está por vir. Deixar-se inventar pelo próprio ato de estar sendo docente.

Os autores que me ajudam a escrever este texto insistem em dizer-me que a teoria pode ser viva, já que a relação que fazemos com ela é produzida por nós mesmos. Quando estou em sala de aula penso sobre tudo o que vivenciei até aqui. E quando me encontro aqui, fazendo existir esta pesquisa, a sala de aula não deixa de me assediar, não me abandona. Não existe dentro e fora, interior e exterior, teoria e prática.

Os afetos se misturam e provocam sensações de desamparo. Podemos cair numa atitude normalizadora ou adentrar em um caminho que reconhece a situação e produz tensões. Corpo que se permite envolver em um processo que possa mudar uma situação. Significa permitir-se estar sendo um corpo que se desgasta. Corpo que conhece as regras, mas esgarça seus limites.

O que é a arte de existir?

Para Foucault é na ética expressa na relação de si para consigo que o indivíduo pode confrontar o poder e criar um modo de vida mais livre e vivo.

Seu princípio é de que é preciso ter cuidados consigo, fazendo-se necessário tempo. Não um tempo vazio, mas povoado por exercícios e práticas diversas. O autor aponta ainda que o cuidado de si não é um exercício de solidão, mas uma prática social (1985b). Trata-se de uma inquietação capaz de nos colocar em movimento em relação a si que reverberará no coletivo.

Os gregos problematizavam efetivamente sua liberdade e a liberdade do indivíduo como um problema ético. No sentido de que os gregos podiam entendê-lo: o êthos era a maneira de ser e a maneira de se conduzir (FOUCAULT, 2012c, p. 264).

O êthos de alguém é produzido pelos seus hábitos, pela sua maneira de caminhar, pela forma como reage aos acontecimentos.

Foucault procura, a partir dos gregos, pensar a ética, que também é uma estética da existência. Não um retorno aos gregos, mas uma genealogia, a realização de uma análise a partir de uma questão atual, já que nossa existência contemporânea a todo o momento exige que pensemos em novas relações éticas.

Nesta perspectiva não há uma forma universal de sujeito. Passamos a compreender o sujeito de uma maneira ativa, através das práticas de si. No entanto, Foucault esclarece que essas práticas não são algo que o próprio indivíduo invente, e sim esquemas que ele encontra, que lhe são propostos, sugeridos ou até mesmo impostos por sua cultura, grupo social, etc.

A possibilidade de pensarmos o sujeito em prática, ou seja, um sujeito que está sendo, que continua potência de vir a ser outra coisa, nos permite escolher o risco de viver, risco de produzir a si mesmo sem ficar preso a modelos ou destinos pessoais.

O cristianismo provocou mudanças em relação às morais antigas que, como mencionei anteriormente, eram um estilo, uma prática de liberdade. Tais mudanças se instauraram com força no modernismo, sendo que atualmente muitos ainda carregam seu fardo.

Guattari e Rolnik (2011) destacam que representações são introduzidas nas mães, nas crianças, e, nesta perspectiva, acredito que também na docência. Uma espécie de essência, códigos de regras que devem ser assumidas por essas pessoas.

Na docência, fala-se constantemente em formação permanente, reciclagem, mas no que exatamente isso consiste? Em práticas que reafirmem o que um professor deve ser ou saber? Os cursos de formação continuada normalmente acontecem em um, dois, três dias ou, no melhor dos casos, em uma semana. Não creio que seja o tempo necessário para rever posturas, a não ser que este seja o posicionamento assumido pelo professor.

Quando Foucault procura repensar os gregos é justamente no sentido de levantar questões que sejam instrumentos de pensamento, experiências que nos permitam vislumbrar outras formas de vida.

A busca de estilos de vida, tão diferentes quanto possível uns dos outros, me parece um dos pontos pelos quais a busca contemporânea pôde se inaugurar antigamente em grupos singulares (FOUCAULT, 2012b, p. 256).

Exercer a docência como uma arte de existir não significa levantar bandeiras sobre um determinado modo de viver ou dizer, ou ainda que temos que ser como os gregos em suas primeiras experiências. Trata-se de deixar-se simplesmente viver, abandonar o conceito docente e ver-se apenas como uma pessoa humana, que tem desejos e os coloca em movimento. Estar se sentindo completamente comprometido, com desejo de intervir nos espaços nos quais atua e pronto. Isto deveria bastar.

Mania que temos de evitar qualquer sensação que nos desampare, que fogue das classificações e traz desordem ao nosso cotidiano. As coisas não são tão fáceis de apreender e dizer. Os acontecimentos, em muitos momentos, são indizíveis.

*Seja paciente com as coisas não-resolvidas  
em seu coração...*

*Tente amar as próprias perguntas...*

*Não procure agora as respostas  
que não podem ser dadas  
pois você não seria capaz  
de vivê-las.*

*E o mais importante,  
é viver tudo.*

*Viva as perguntas agora.*

*Talvez você possa, então,  
pouco a pouco,*

*sem mesmo perceber,*

*Conviver, algum dia distante,  
com as respostas.*

*(RILKE, 2010)*

#### 4.1. A espreita do tempo que me interrompe...

Às vezes ir seguindo-me é tão difícil. Por estar seguindo o que ainda não passa de uma nebulosa. Às vezes termino desistindo.

(Clarice Lispector, 1998, p. 65)

Presentimos a mudança no tempo. A cada encontro somos outros e não damos conta de uma totalidade. As diferentes vivências que temos nesses tempos nos vão produzindo.

Somos interrompidos por estados que nos sobrepujam e abalam nossa sensação de fixidez. Causam temores, pois seguir aqui não significa continuar o mesmo, mas prosseguir assumindo que mudanças ocorrem.

Falo aqui de um tempo processual que, em oposição a um tempo linear e sequencial, é contrátil e rompe com divisões entre todo e parte. Não um tempo que se sucede, que separa presente e passado, mas uma vida que muda e, por isso, continua a existir.

O próprio componente curricular arte tem se modificado. Não é a mesma disciplina desde que passou a integrar o currículo da educação básica, desde a nomenclatura até a maneira como os conteúdos são trabalhados e compreendidos.

*Penso que vou me produzindo a cada aula planejada, a cada obstáculo que se apresenta. Quando preparo uma aula, busco imagens, informações, planejo os conteúdos, proponho práticas, vou me formando uma professora de artes. (Silvia)*

Trata-se de envolver-se em um tempo de exercícios, de experimentações que nos permitem movimentações. Esses exercícios acontecem quando lemos um livro, quando realizamos uma viagem, produzimos nossos planejamentos, entramos em sala de aula com comprometimento e vontade de facilitar espaços de aprendizagem.

*...O sol como cortina abre a cena,  
Do ar ameno ao calor intenso, ar que sufoca  
Toma espaço, toma conta de tudo,*

*Amarelo, laranja, vermelha mistura-se  
À cintilante cor de verão inacabável. (Caue)*

Deleuze (1988-89), quando discorre sobre o P de Professor em seu abecedário, destaca que para ele "uma aula é algo que é muito preparado. Parece muito com outras atividades. Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação" (p. 70).

É preciso ensaio para estarmos inspirados. Nenhuma habilidade técnica ou profissional pode ser adquirida sem exercício, sem um treinamento de si por si.

Tempo que compreende a criação, a produção e o devir. Significa percebermos que nossa relação com o tempo deve ser produzida por nós mesmos (GUATTARI; ROLNIK, 2011). Não há como recuperar o que não foi possível fazer em um determinado momento, mas podemos produzir novos agenciamentos e embarcar em outros caminhos.

Há tempo de decomposição e recomposição, tempo de grudar, tempo de descarte, tempo de tomar fôlego, tempo de entrega, tempo de solidão. Linhas de tempo que se cruzam o tempo todo.

A docência, assim como a vida, é produzida no tempo. Faz-se existir no fluir, num processo que nunca pára e, por isso, nos faz sempre outros. Mais uma vez afirmo que não é fácil, pois se faz necessária uma resistência aos modos dominantes de temporalização.

Significa não se deixar a serviço do tempo, mas se dar tempo de viver a mudança, de construir laços, de partilhar, de se sentir em casa e de se desencontrar. Um vivido que não garante para onde iremos, mas que nos possibilita traçar outras vias.

Variações no estar sendo que, à primeira vista, produzem dor e desconforto. No entanto, não desistamos diante dos locais desconhecidos que a docência pode nos levar.

## 4.2. O que pode a dor?

Dói. Dor é vida exacerbada. O processo dói. Vir-a-ser é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar.

(Clarice Lispector, 1998, p. 63)

Quando eu brincava de ser outros não havia fingimento. Eu era outros.

E, na verdade, continuo a inventar personagens.

De onde venho? De Caçapava do Sul, Porto Alegre, Ijuí, Santa Maria.

Nestas vivências já pude ser muitas. E ainda quero estar sendo tantas outras.

A impressão é que estou por nascer mais uma vez. O que esperam de mim?

Nunca consegui me identificar com nada e isso, a princípio, sempre me pareceu desastroso!

Mas, ao ser estranha nos lugares, é necessário encarar as mudanças, pensar em outras maneiras de se posicionar e se relacionar. Corre-se aí o risco de desequilíbrio. Contudo, há também a possibilidade de experimentar nossa existência de outras maneiras, pois nenhuma pressão se exerce sobre nós.

Constrói-se. Desmancha-se.

Algo parece estar errado... Não há ponto final!

\*\*\*

Essa narrativa é produzida a partir do meu primeiro encontro com a docência como professora efetiva no Magistério Estadual do RS, inspirada pelos rumores narrados por Preciosa (2010).

Reflexões que me embrenham na polifonia. Misturam-se aos escritos produzidos pelos professores participantes dessa pesquisa.

Estou na escola mais uma vez. E é diferente como todas as outras. Não somente por estar sendo professora e não mais estudante, mas porque o grupo, o momento, os dias são outros.

Já não sou a mesma daquele período do estágio curricular supervisionado (minha primeira experiência como docente). O que não quer dizer que seja melhor, sou apenas outra, já que as vivências na escola assumem hoje outras problemáticas.

A escuta de tantos me leva a me desfazer de uma forma única. Talvez me ajude a lidar um pouco melhor com as imprecisões. Quem sabe me ajude ainda a assumir com tranquilidade que nada é só bom, e que o bom depende das formas de como olhamos as coisas.

Como aponta Loponte (2005, p. 117), "o espaço de nossa formação não é um espaço tranquilo, apaziguado, previsível, mensurável". Em muitos momentos vivemos a angústia provocada pela desterritorialização como falta, como algo que não permite vivenciarmos uma sensação de plenitude e estabilidade de território.

"O chão racha sob nossos pés e um enorme desespero se apodera de nós. Dos escombros nascemos outro. Aliás, não mais cessaremos de nascer" (PRECIOSA, 2010, p. 31).

Sofremos por acreditar que nossa vida está abaixo do que deveria ser, porque tudo deveria ser apenas bom. Olhamos para nossas pequenas conquistas, para nossos amores nem sempre perfeitos, para nosso trabalho, às vezes cansativo, como se fosse pouco.

Quem disse que precisamos encontrar este estado de felicidade absoluta? Será que existe esta espécie de arrebatamento, um lugar a ser alcançado no qual nada mais nos perturbaria e, finalmente, seríamos felizes para sempre?

Diariamente convivemos com a sensação de que se nossa vida não é repleta de uma sensação de completo bem estar, estabilidade financeira, profissional, emocional, certamente deve ser porque fracassamos.

*Tive muitas experiências dolorosas, inclusive a de perceber que em vários momentos era autoritária ou mesmo não aceitando minhas limitações e falhas. (Marli)*

Sentimos dor. Dor de inacabamento.

Não é apenas a preguiça que faz as relações humanas se repetirem, produzindo uma monotonia diária, mas também o medo do novo, do imprevisível, daquilo que foge do nosso entendimento e nos tira a segurança.

A dor pode nos paralisar se não tivermos a coragem de vivê-la. Mas ela pode nos movimentar, e é nisso que eu aposto. A escrita desta dissertação foi dolorosa. Mas essa mesma dor, que poderia fazer com que eu desistisse, me provocou o desejo de constituir novos territórios.

A dor da qual falo neste texto não tem a ver com o sofrimento, mas com a sensação de mal-estar, de desconforto que dispara estratégias para a ação. Esse foi um elemento que me tocou na narrativa da professora Marli, talvez seja justamente pelas muitas dificuldades que tenho em lidar com aquilo que me tira o chão, que me desestabiliza.

"É preciso esforço da torção para chegar a desconjuntar o sujeito que se é, que se acostumou a ser. E poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos", (PRECIOSA, 2010, p. 52).

Tenho me questionado sobre o que acontece se vivermos a dor do desassossego, da inquietude, da preocupação e da desacomodação com a nossa docência? Neste texto enfrento a dor como potência de vida.

Essa dor ou mal-estar é que vai definir diferentes estratégias, gerando diferentes modos de produção da subjetividade. No entanto,

nenhuma estratégia gera um só modo de existência: universos singulares criam-se com cada estratégia, quando adotada por uma existência ou outra (sejam essas as existências de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade). Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. O desejo é criação de mundo. (ROLNIK, 2006, p. 55).

No decorrer de nossa vida viveremos diferentes estados de ser. Cenas de um filme, de uma peça teatral que é observada e vivida de formas distintas pelo público. Sequências que não cessam de fluir e serem envolvidas por diferentes forças.

Você deseja? Desejar é fazer da dor uma produção. Não a dor que paralisa, aquela causada pela impossibilidade da felicidade absoluta, mas a dor que nos coloca em movimento, carregando tudo o que somos numa busca constante de sentido.

Até onde podemos ir se não há uma salvação ou uma solução infalível de como exercer a docência?

Tenho medo que a dor me paralise, medo de não correr o risco, de desistir antes de tentar. Essa dor que nos remete à fraqueza, ao medo de morrer. Esse medo constante que nos aterroriza. Medo da disciplina de arte ser sufocada pelas inúmeras exigências e burocracias. Se nada fizermos podemos morrer. Mas que formas de resistência temos?

Nas palavras de Foucault (1995a, p. 239), poderíamos "promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos". Para isso se faz necessário estar atento aos lugares-comuns, as suas formas de funcionamento, perceber quando somos tomados por discursos que não nos permitem ir além.

Adentrar uma sala de aula me fez sentir dor. Fazer parte do coletivo de forças que compõem o Magistério Estadual do RS me trouxe inúmeros desafios. Fui arremessada para uma sala de aula faltando um mês e meio para o final do ano letivo.

Duas escolas, nove turmas. Estudantes de diferentes anos escolares, sete ou oito encontros para aprendermos juntos sobre algo que tanto me fascina, e ainda estou aprendendo seus nomes. Sinto-me uma estranha e em outros tantos momentos uma parte de tudo. Estou experimentando maneiras de habitar o território da docência em artes visuais.

Eu tinha uma preocupação incomensurável com a polivalência, com ideias fechadas sobre o que seria considerado arte. Receio de todos os discursos que vão dando forma à disciplina "educação artística" nas escolas. Acreditava que isso se faria presente nas narrativas dos professores que colaboram com esta escrita. No entanto, fui surpreendida pela abertura não só nos escritos dos professores como em minha própria vivência.

A arte aparece nessas narrativas e vivências não como definição, mas como possibilitadora da vida, como coleção de sentidos.

Os professores de arte sempre são alegres, felizes, comenta uma professora da escola onde atuo. Pergunto-me por que existe essa ideia de que somos mais contentes...

Clarice Lispector (1998, p. 72) faz uma afirmação interessante: "quem não é perdido não conhece a liberdade e não a ama". Talvez o "não estar formatado", comentado na narrativa de Silvia sobre a disciplina de arte, tenha nos ajudado a conhecer a liberdade e a experimentá-la, amá-la.

Em alguns momentos de minha formação inicial me parecia difícil pensar a educação das artes visuais, ter certeza sobre o que ensinar, quais conteúdos levar aos estudantes. Pois as mudanças de nomenclatura, de perspectivas teóricas e inclusive dos próprios conceitos com os quais trabalhamos movimentam-se com a mesma velocidade do vento norte.

Tive uma formação que não foi nada prescritiva, mas viva! Carregada de vivências, de experimentações que hoje me permitem percorrer um caminho avulso, pois não tenho roteiros determinados a seguir.

Nesse sentido, penso que estar perdido também nos possibilita coisas, nos encaminha para erros, mas também para acertos. Podemos tatear, transportar-nos pelas sensações, seguir nos fazendo. O que parece tão desastroso se apresenta então como um possível desencadeador de outras mil maneiras de viver.

Loponte (2005, p. 96) assinala que "a formação docente, como a própria constituição do sujeito, é um processo constante, e é, sim, permanente, ininterrupta". O sujeito não é dado, mas constituído numa relação de si. A docência, da mesma forma, pode ser pensada a partir da relação de si com os estudantes, com a escola, com o conteúdo, com o cotidiano. A cada dia, a cada ano, no contato com grupos específicos, é produzida de forma diferente.

Ser artista da própria existência é não querer saber apenas o que o mundo já é, mas procurar conhecer, experimentar maneiras de como fazer outros

mundos. Em vez de encontrar tudo pronto, procurar possibilidades, outros modos de ser a cada contexto, sem nunca tê-los como concluídos.

A vida e o próprio mundo nos ultrapassam, nem tudo pode ser fechado, compartimentado em um sentido único e verdadeiro. Penso que isso é uma potencialidade para a docência, mas pode torná-la difícil caso não assumamos a desordem de alguns momentos e as mudanças que ocorrem.

Talvez seja interessante esticar a dor até produzirmos algo. Vivê-la para que algo aconteça, aproveitar um pouquinho de certezas que possam surgir e permitir-se ter outras dúvidas.

### **4.3. Vidas que pulsam na docência...**

Para cada um de nós - em algum momento perdido na vida - anuncia-se uma missão a cumprir? Recuso-me porém a qualquer missão. Não cumpro nada: apenas vivo.

(Clarice Lispector, 1998, p. 72)

Por todos os lados, juízes da normalidade. A presença da máquina binária que distribui os papéis e formula respostas para questões pré-formadas.

Somos sempre isso ou aquilo. Como discorrem Deleuze e Parnet (1998), convivemos com simplificações que afirmam que se você não é nem homem nem mulher, deve ser um travesti. Somos o tempo todo identificados, fichados, reconhecidos.

Na maioria das vezes nos prendemos a respostas mecânicas, simplificadoras. Temos a enganosa sensação de que ao eliminarmos quaisquer variáveis estaremos mais seguros.

Como pontua Rolnik (2006, p. 96),

deve tratar-se de uma cartografia possível nesse processo de excessiva desterritorialização, a qual consistiria em considerar o território perdido - real ou imaginário - como essência; investir os afetos desterritorializados na construção ou reconstrução de tal território; legitimar tal investimento como busca de identidade.

No entanto, podemos deixar de lado a necessidade de nomear coisas, pois a vida nos permite abandonar determinado papel a qualquer momento, trocar na ocasião em que nos for conveniente, mergulhar em novos afetos e sentidos. Ser tantos outros quanto pudermos (ou precisarmos).

Somos feitos por linhas diversas: linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga, entre outras. Uma profissão, por exemplo, é um segmento duro no qual atrações, repulsões, loucuras, potências se agregam.

As profissões, em sua maioria, são enrijecidas, cheias de contradição. Estar sendo professor não é diferente, somos bombardeados com exigências, com modelos e perfis desejados, com uma política que almeja resultados sem considerar o processo de aprendizagem, com discursos de colegas repletos de aborrecimento, renunciados com suas obrigações sem vida.

No entanto, viver é justamente transpor as linhas. Uma composição de afetos e desafetos, adaptações, produção de maneiras de lidar com elas de forma a garantir possibilidades de vida.

Como nos adverte Rilke (2010, p. 26)

Caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo, diga para si mesmo que não é poeta o bastante para evocar suas riquezas; pois para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre, insignificante.

Trata-se de pensar em micropolíticas (ROLNIK, 2006) ou microestética (PEREIRA, 1996), o que a partir dos autores seria a construção de si por ação desejante, fluxos e intensidades.

Nesta perspectiva, compreende-se o sujeito e o desejo como produção de diferença, pois se permite estar sendo, querer vir a ser diferente do que se tem sido. É nestas práticas que se produzem novos modos de subjetivação.

É uma mudança de olhar, de expectativas que não nos frustram já que não existe um amanhã melhor a ser alcançado. Como assinalam Guattari e Rolnik (2011, p. 38), tudo depende da "capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação que assumam sua responsabilidade no plano micropolítico".

Uma produção que acontece sem a necessidade de recorrer a regras universais ou buscar autenticidade, originalidade. Legitima-se apenas pelo próprio processo de se produzir.

Durante séculos, fomos convencidos de que entre nossa ética pessoal, nossa vida de todo dia e as grandes estruturas políticas, sociais e econômicas, havia relações analíticas, e que nós nada poderíamos mudar, por exemplo, da nossa vida sexual ou da nossa vida familiar sem arruinar a nossa economia, a nossa democracia, etc. Creio que devemos nos libertar desta ideia de um elo analítico ou necessário entre ética e as outras estruturas sociais ou econômicas ou políticas. (FOUCAULT, 1995b, p. 261).

Ninguém é completamente independente, pois estamos em um meio social e político, e ao trabalharmos para uma determinada instituição de ensino temos que estar de acordo com suas regras.

No entanto, ao longo do tempo, formou-se um modelo de humanidade que passou a ser normativo, a ser tomado como universal. A nós cabe aceitar ou não. E se não aceitarmos, o que nos é possível fazer?

A partir das leituras foucaultianas, percebemos que podemos ser muito mais livres do que pensamos. A verdade é vista como imutável, no entanto sabemos que ela é produzida em momentos históricos específicos, variando de acordo com a situação, podendo, desta forma, ser questionada e revista.

Nestas reflexões tomo o cuidado de não abordar a liberdade como uma reconciliação comigo mesma, uma retomada de contato com minha origem. Pois, como nos adverte Foucault (2012d, p. 259),

corre-se o risco de remeter à ideia de que existe uma natureza ou uma essência humana que, após um certo número de processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos, e por mecanismos de repressão.

Foucault (2012c) fala em práticas de liberdade considerando que as relações de poder existem e continuarão a existir, pois são fundamentais para as relações humanas. Na Antiguidade a ética foi vivenciada como prática de liberdade.

Na docência podemos nos abastecer das verdades que a produzem e transformá-la. Juntarmos forças, procurarmos viver com o mínimo de

dominação junto daqueles que ocupam, inventam e produzem o território da docência em artes visuais. Pois se a verdade tomar a forma de lei só nos restará o silêncio da escravidão.

Trata-se de uma escolha pessoal, um cuidado consigo que compreende um aprendizado permanente que "não se constitui em um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social", (FOUCAULT, 1985b, p. 57). Para darmos o melhor de nós temos que nos cuidar, reafirmar a vida.

*Transfigura-se em azul, branco, fria cor  
O frescor da imagem cristalizada propõe  
A luz investiga, o corpo questiona, a voz ecoa, o som rebate  
O olho interpreta,  
Apenas um instante,  
A mão sobrepõe o papel, o traço rasga o branco  
Traçado aparece, o símbolo ganha força, ganha vida  
Forma a palavra, o desenho, a pintura, a gravura. (Caue)*

Investigar as formas dadas, interrogar os ditos, perceber como modelos repercutem em nosso cotidiano, afastar aquilo que não nos permite viver e dar outros sentidos as nossas práticas.

Significa tomar uma atitude constante em relação a si próprio, dar-se tempo. Tempo povoado de exercícios e atividades diversas. Reflexões nas quais abordemos verdades já conhecidas das quais possamos nos apropriar de forma a fazer delas outras coisas que não regras. Como pontua Foucault (1995a), produzir nossa vida dando-lhe um estilo através de uma longa prática, de um trabalho diário.

*Desde que obtive minha habilitação por assim dizer, já que a minha formação é constante, comecei a batalhar por um lugar. Esse lugar, de professora de artes visuais, é inventado e reinventado por aqueles que o ocupam. (Silvia)*

Os professores que colaboram com esta escrita apontam em suas narrativas o inacabamento da docência, da urgência da invenção, da intervenção movida por um desejo profundo. Vidas que se sentem em pleno movimento,

escorregam, levantam-se, paralisam e experimentam a própria movimentação do estar vivo.

Preciosa (2010) encerra o último capítulo de seu livro com o título "Alguém me responda por favor: quando é que uma experiência acaba?". Em seguida ela continua discorrendo sobre a superfície da Terra, sobre a constante transformação da natureza física do cosmo. Enfatiza que fazemos parte dessa viagem radicalmente transformadora e, portanto, "não somos essa identidade estável, inquebrantável, imperturbável, que fica assistindo de fora à festa da vida esbanjando potência de variação", (p. 91).

A experiência não acaba! Somos seres cambiantes.

Estamos, portanto, nesta constante transformação, vivenciamos alternâncias, pisamos em um chão instável. Precisamos aprender a lidar com a falta de certezas e, principalmente, de identidades. Produzir um modo de vida que ache graça nos movimentos, conviva de forma leve com a frustração e procure entender-se nos desencontros.

## **5. Santa Maria, iniciando 2013. Algumas considerações sobre o que tortuosamente ainda se faz...**

Eu me aprofundei mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado.

(Clarice Lispector, 1998, p. 44)

O texto que nasce desse movimento de transformação inventa verdades provisórias, pontuais, inacabadas. Cheguei ao ponto de precisar assumir que aquilo que produzi reconhece as vivências, as sensações produzidas na própria experiência do sujeito, como mais ricas do que é possível expressar nestes escritos.

Talvez lá no início dessa caminhada eu ainda pensasse ser possível falar de uma docência que fosse isso ou aquilo, boa ou má, mais ou menos comprometida. Encontrar uma receita infalível que nos ajudasse a ser um(a) "bom"(a) professor(a) com tranquilidade.

No entanto, nestes percursos não encontrei um único modo de ser, nem identidades fixas, mas maneiras de estar sendo que se movem, que ora se aproximam, ora se afastam. Dessa forma, produzi pontos de contato entre as narrativas, subjetivei meu próprio discurso a partir dos tantos outros discursos produzidos no contexto da docência em artes visuais. Uma docência que de forma alguma nos remete ao uno, mas ao múltiplo.

O bom depende da ocasião. Nesse sentido, pensar nossos processos de subjetivação pode nos ajudar a aprender a lidar com a docência como um processo inacabável.

Estar sendo docente na reta final da pesquisa provocou ressonâncias na pesquisa, no meu olhar para com as narrativas produzidas pelos professores e para as leituras que realizei. A experiência de falar/escrever sobre a docência assumiu outros sentidos.

Hoje, mais do que nunca, vejo a experiência de si na docência para além de um espaço de formação inicial ou formações continuadas em espaços formais, como palestras, cursos, eventos.

Trata-se de uma produção que acontece também nas leituras de poesias e contos, nos passeios ao parque e ao shopping, nos espaços de sala de aula, no contato com os estudantes, com a escola e consigo mesmo. Pois é uma atuação, uma produção que envolve um olhar atento e aberto a novos fluxos. Significa voltar-se para si mesmo, tomar a autoria de nossas vidas sem se importar apenas com aprovações e regras que podem vir de fora.

Um cuidado de si (FOUCAULT, 2012c) que implica relações complexas consigo mesmo e com os outros, e por isso indica que provavelmente não vivenciaremos apenas bons momentos. Não é confortável conduzir nossas ações, pois envolve perceber nossos erros e aceitar nossos momentos de paralisação. Mas é um desafio que pode render alegrias.

Ao chegar neste capítulo que se destina a ser o último, o silêncio tomou conta. Fiquei um tempo razoável tentando compor algo com a falta de palavras e, de fato, alguma coisa só foi escrita quando percebi que há muito não entendo, não tenho pensamentos correspondentes para o que sinto.

Um aperto toma conta do peito, penso que teria tanto mais a dizer, quantas coisas também faria diferente! Mas, ao mesmo tempo, não encontro palavras que signifiquem, expliquem o que gostaria de dizer.

Na verdade, acredito que o que realmente importa já foi feito, nós (eu e a pesquisa) já tivemos nossos momentos especiais. É isso o que importa no fim: o vivido. Certamente, esta Thais não é a mesma do início, tampouco continuarei a mesma de hoje. Muitos outros encontros acontecerão e eu serei outras, já que até mesmo para continuar a existir se faz necessário mudar.

Não encontrei nenhuma fórmula para sermos docentes. Provavelmente ela nem exista. Fui absorvida pelas aventuras de uma vida inventiva que me força a traçar caminhos, que se expõe ao mundo e procura fazer das rasteiras recebidas uma produção de diferença. A constituição de uma docência e uma pesquisa cujo tempo perdurará até um novo abalo. Experimentações que me encorajam a tentar não reproduzir modelos.

Fui tomada pelo desejo de inventar, dizer outras coisas sobre a docência. Como apontam Veiga-Neto e Lopes (2010, p. 44), "desnaturalizar e desnudar o

que pensamos e fazemos, bem como criar novas alternativas para a ação". Um texto que procurou se produzir por outras vias, explorando a instabilidade e o desejo como produção, ao invés de assumir o discurso de que "sempre foi assim".

Vários nascimentos ocorreram durante esta escrita. Creio que assim pode ser também a docência, no entanto, para isso é necessário permitir-se, não abortar as variações possíveis de docência para assumir identidades pré-formatadas.

Tenho pensado a *escrita de si* como possibilidade de continuar vivendo. Como exercícios de liberdade, de reinvenção de nós mesmos. Um trabalho afetivo, pessoal e coletivo, um convite para pensar a sobrevivência nesse mundo da docência.

E quanto a você? Penso que vai ter que aprender a inventar suas próprias saídas. Pois o que temos aqui é a impressão de possibilidade... Possíveis que se anunciam sem certezas. Desejo que este texto dissertativo provoque os leitores a buscarem seus próprios movimentos, seus jeitos singulares de assimilar, compreender e, talvez, até mesmo trair a docência.

Deleuze e Parnet (1998) lembram-me que trair é difícil, pois envolve criação, desaparecimento, tornar-se desconhecido. A criação não é uma atividade espontânea, é preciso propriedade sobre algo. Faz-se necessário arriscar e fazer da docência um território de experimentações, de busca de estilos de vida.

A docência, em muitas ocasiões, pode ser banalizada, igual para todo mundo, mas também pode ser única, personalizada, só sua! Por isso, falar da docência não é clichê, depende muito do olhar que temos.

Os autores que convidei para esta conversa (e aqueles que aos poucos foram se aproximando) me conduziram para a aventura de tomar o caminho contrário da ideia de características universais na existência humana. Rompi com o corpo que há muito vinha se dando tempo lento. Passei a amar o vento, assumi os cabelos desalinhados. Ao final (um dos muitos fins que ainda virão) mais do que conservar-me viva, anseio por viver!

Aprendi que é preciso investir no desejo para que produções aconteçam, experimentar os rompimentos nos estratos e recobrar a sonoridade para seguir me fazendo. Somos produzidos por linhas fixas, retas e muitas vezes representacionais, mas existem aí linhas flexíveis e sinuosas que nos compõem conjuntamente.

Alguns sistemas continuarão a dizer o que devemos ou não fazer, ensinar, aprender. Mas, o como o fazemos ainda está aberto, podemos questioná-los e novos sentidos podem ser dados às regras e prescrições. Portanto, nossos processos de subjetivação são completamente variáveis, experimentaremos diferentes modos de ser em nossas vidas.

Foi imprescindível deixar-me ser arrastada pelo vento norte. Eu não tinha controle sobre os lugares aos quais ele me levaria, mas habitei outros territórios e experimentei conviver de outras maneiras com as desterritorializações, encarando-as não como falta de algo, como uma rasteira que me deixa sem chão, mas como possibilidade de transitar por outros lugares e viver outras experiências.

Daquilo que fica: o desejo de constituir ainda muitos outros territórios, ter cuidados comigo e experimentar tantas máscaras de afetos quantas forem possíveis. Continuo a ser uma vida que anseia por deformar as verdades que foram produzidas e que são incansavelmente repetidas sobre a docência.

Encerro, ainda que de forma inconclusa, este texto dissertativo com o poema "O apanhador de desperdícios", escrito por Manoel de Barros (2010). Autor que lá no início de minhas experiências com a pesquisa narrativa já apontava que

*Tudo o que não invento é falso.*

*Uso a palavra para compor meus silêncios.*

*Não gosto das palavras*

*fatigadas de informar.*

*Dou mais respeito*

*às que vivem de barriga no chão*

*tipo água pedra sapo.*

*Entendo bem o sotaque das águas.*

*Dou respeito às coisas desimportantes*

*e aos seres desimportantes.*

*Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2010.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación**: Enfoque e metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. In: **Revista Periferia**. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias Urbanas da UERJ/FEBF, 2008. pp. 91-110. Disponível em: <[http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/sandra\\_corazza.pdf](http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/sandra_corazza.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2012.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevistas a Claire Parnet, 1988-1989. Realização de Pierre-André Boutang, produção Éditions Montparnasse, Paris. Tradução e Legendas: Raccord, TV Escola, Ministério da Educação.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. pp. 39-60.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985b.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. pp. 231-249.

\_\_\_\_\_. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. pp. 253-278

\_\_\_\_\_. A Escrita de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política - Coleção. 3 ed.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. pp. 141-157.

\_\_\_\_\_. O Retorno da Moral. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política - Coleção. 3 ed.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. pp. 246-257.

\_\_\_\_\_. A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política - Coleção. 3 ed.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012c. pp. 258-280.

\_\_\_\_\_. Uma estética da existência. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política - Coleção. 3 ed.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012d. pp. 281-286.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica - cartografias do desejo**. 11 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando; RIFÀ, Montserrat (Orgs.). **Investigación autobiográfica y cambio social**. Barcelona: Octaedro, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. pp. 31-49.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade**. São Paulo, v.26, n.93, pp. 1273-1288, set-dez, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. pp.35-86.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva: ficção**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de

Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, jan/jun 2008, v. 33, n. 1. pp. 35-48

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Tese (Doutorado em Supervisão e Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Aproximações entre arte, a estética, a formação e a pedagogia. In: Congresso de Educação, Arte e Cultura - CEAC, 2, 2009, Santa Maria. **Anais**. Santa Maria: 2009.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade** - Sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Há teoria e método em Michel Foucault? Implicações educacionais. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (org). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. pp.33-47.

VIEIRA, Priscila Piazentini. Escrita de si e parrhesía: verdade e cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth. **Revista Aulas** - Foucault e as Estéticas da Existência. Campinas: Unicamp, 2010. n.7. pp. 187-204.

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1. Fragmento do diário produzido durante a disciplina Prática de Pesquisa B (PPGE/UFSM) - 2010 (fonte: arquivo pessoal).....	11
Imagem 2. Fragmento da narrativa produzida por uma colega durante a disciplina Prática de Pesquisa B (PPGE/UFSM) - 2010 (fonte: arquivo pessoal).....	13
Imagem 3. Registro da ação "Narrativas Inventadas" realizada na praça Saldanha Marinho, em Santa Maria / RS - 2010 (fonte: arquivo pessoal).....	14
Imagem 4. Registro da ação "Narrativas Inventadas" realizada na praça Saldanha Marinho, em Santa Maria / RS - 2010 (fonte: arquivo pessoal).....	15
Imagem 5. Cartas, bilhetes, imagens, 1994-2011 (fonte: arquivo pessoal).....	27
Imagem 6. Fragmento da narrativa produzida por uma colega durante a disciplina Prática de Pesquisa B (PPGE/UFSM) - 2010 (fonte: arquivo pessoal).....	38
Imagem 7. Pista 3 do projeto coletivo Descalços, 2000. (fonte: < <a href="http://passantes.redezero.org">http://passantes.redezero.org</a> >).....	46

**ANEXOS**

## Carta-convite

Colegas do GEPAEC,

Vimos por meio desta, eu, Thais Raquel da Silva Paz, e a profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira, lançar um convite de escrita aos professores de artes que atuam na Educação Básica da rede pública de ensino.

Estes escritos realizados pelos professores que desejarem participar da pesquisa colaborarão com a escrita da dissertação intitulada inicialmente **“Processos de subjetivação na docência a partir de narrativas de professores de artes visuais”** que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), na linha de pesquisa Educação e Artes.

A pesquisa tem como objetivo trabalhar com as narrativas produzidas pelos professores percebendo os investimentos de desejo, os agenciamentos, as subjetivações produzidas pelos mesmos no processo de produzirem-se sujeitos docentes em artes em seus escritos.

O desejo na concepção de Deleuze e Guattari é reconduzido para o lado da produção, da fábrica. Neste sentido, o desejo não é a representação de um objeto ausente ou faltante, mas uma atividade de experimentação incessante, uma montagem experimental.

Enquanto algo que nasce fora, de um encontro, de um agenciamento, o desejo é entendido enquanto um explorador, um experimentador que vai mobilizando os seres e as coisas não para si mesmos, mas para as singularidades que eles emitem e que ele destaca.

Meu desejo de escrita é dialogar sobre os processos, sobre aquilo que nos mobiliza a exercer a docência e nos nutre em nossas práticas. Falar de uma docência que é produzida, inventada, modelada, e que nos constitui enquanto sujeitos da própria existência.

Santa Maria, junho de 2012.

**NARRATIVAS DOS PROFESSORES COLABORADORES DA PESQUISA**

Panambi, 13 de julho de 2012

Querida colega Thais,

Não sei quanto tempo tem a última carta que escrevi, obviamente foi de forma manuscrita, pois a época era outra e as tecnologias também. Mas confesso que seu convite me provocou para essa escrita, penso que este é um momento de eu parar e refletir mais uma vez na minha docência e no que venho “tentando” desvelar sobre a mesma. Vou procurar responder sua carta sem me utilizar de teóricos ou de citações, pois acredito que essa seja a ocasião de dizer de mim a partir dos meus encontros e desencontros.

Até há pouco tempo acreditava que o que me constituía como docente eram as vivências e experiências que eu ia acumulando no decorrer dos anos, pois pensava a experiência somente como algo cumulativo, que se ia ganhando e somando ao longo do tempo. Por várias vezes me colocava frente a situações dizendo “sobre isso eu tenho experiência”. Mas, atualmente o que tenho tentado pensar é o que faz com que eu me mova para essas vivências e experiências. Aí eu encontro algo mais profundo: o desejo.

Tenho percebido que é o desejo que tem me lançado a todo o momento a necessidade de buscar um novo percurso, uma nova cartografia na minha docência. Com isso, não estou dizendo que a experiência não auxilia na minha constituição, pois a definição que trago hoje da experiência é o sentido de experimentar, de vivenciar. Eu não tenho uma experiência. Eu vivencio uma experiência. Eu experiencio ser professora na vivência com o outro, com meus pares, com o contexto escolar... Conseqüentemente, a experiência não se dá solta, descontextualizada, sem uma história, sem marcas.

Neste sentido tenho pensado a experiência como um encontro com o desejo, vendo-os como uma ação conjunta de tudo que sou num determinado momento. Eu enquanto história, eu enquanto marcas, eu enquanto projeto, eu enquanto docente do ensino em artes visuais. Tenho pensado esses conceitos para minha escrita, mas confesso que preciso aprofundá-los.

Bem, talvez seja relevante dizer como escolhi a profissão de docente e mais especificamente o ensino de artes visuais. Acredito que não fujo à regra da

maioria dos docentes que optam por essa profissão, especialmente os da minha época (década de 90), que acreditavam ou viam a docência como “salvadora”.

Graduei-me em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas. Quando iniciei minha carreira como docente ainda não me sentia como tal, pois achava que não tinha experiência suficiente para ser chamada de professora. À medida que vivenciava a sala de aula ia experimentando, gradativamente, a condição de ser professor. Era como se eu fosse me modificado, inclusive o modo de me reconhecer e me relacionar com outro. Eu ia sendo constituída pela experiência/vivência, que era ressignificada a cada encontro com os demais que compunham o espaço escolar.

No entanto, quando de fato percebi que tinha sido apreendida pela docência, comecei a observar mais os demais professores, buscando assimilar modelos, copiar algumas coisas, questionar outras em mim e procurando trocar ideias. A cada ano, a cada aula, a cada disciplina, cada semestre vivido era tomado como algo novo, cheio de possibilidades diferentes. Refazia constantemente os planejamentos da aula. Sentia uma vontade, um prazer muito grande de continuar aprendendo, mas me acomodei por um tempo e só busquei a formação continuada dez anos após minha graduação, talvez por ser distante de onde morava e pelas condições financeiras. No entanto, neste momento vivia o paradoxo entre continuar sendo a professora que fui (participando de eventos, buscando nos livros, vendo “modelos” de outros professores) ou sair pelo desejo de acreditar que aquilo não bastava. Tive muitas experiências dolorosas, inclusive a de perceber que em vários momentos era autoritária ou mesmo não aceitando minhas limitações e falhas. Devo dizer que ainda hoje tenho esses embates e que a cada aula busco refletir se não estou repetindo o autoritarismo. Quanto às limitações e falhas, não me preocupo mais, pois acredito na minha condição humana e isso me permite falhar e estar limitada em algumas ações.

Depois de retomada a vida acadêmica pela especialização, não parei mais nessa busca de procurar, como você, entender o que é ser docente. Busquei no mestrado compreender o que era a minha docência, mas fui pelo caminho

de ver outra professora e não eu. Agora, no doutorado, encontro-me novamente com essa questão, talvez tentando entender um pouco esse território para depois ver o que me movimenta; não consigo me desprender do que me constitui.

Penso que essa escrita tenha sido mais uma reflexão do que eu estou pensando no momento do que o que estou fazendo, espero ter podido contribuir com sua escrita e, coloco-me à disposição para trocarmos tantas outras cartas quanto forem necessárias.

E, se não me faltar o desejo, continuarei docente...

Um grande abraço

Marli Simionato

*O tempo vai me produzindo. O tempo experienciado, vivido, pensado para a minha profissão de professora de artes visuais. Esse tempo diz muito. Falar de mim, de minha trajetória, é falar de viagens, encontros, desencontros, mudanças, incertezas, descobertas, encantos, decepções, aprendizados...*

*Certa vez li que a memória protege tanto o tempo vivido como o sonhado. Minhas vivências contam tanto sobre mim quanto meus sonhos, meus desejos... Eu vivi muitas realidades e sonho com tantas outras.*

*Desde que obtive minha habilitação por assim dizer, já que a minha formação é constante, comecei a batalhar por um lugar. Esse lugar, de professora de artes visuais, é inventado e reinventado por aqueles que o ocupam. A disciplina de artes, na escola, é o que delimita este lugar.*

*Penso que vou me produzindo a cada aula planejada, a cada obstáculo que se apresenta. Quando preparo uma aula, busco imagens, informações, planejo os conteúdos, proponho práticas, vou me formando uma professora de artes.*

*As experiências vividas são como camadas que vão se acumulando sobre mim e me protegendo quando surgem as dificuldades. Hoje, já com algumas camadas, estou mais certa de minhas escolhas, mais confiante nos resultados de minhas ações e mais forte para lutar por coisas que parecem ter sido abandonadas, esquecidas e que merecem mais dedicação. Não espero que alguém faça por mim aquilo que é meu dever realizar, mas espero que outros professores de artes também percebam que muito se tem a fazer pela disciplina de artes na escola. As coisas não andam boas na educação pública... Falo do que conheço, do meu lugar. A disciplina de artes conquistou um espaço na educação, mas este espaço não está "formatado" de modo a contemplar a importância dessa área do conhecimento para a educação integral dos estudantes. Existem abismos que não deixam os caminhos se conectarem. Estes abismos também me produzem. Eles fazem com que não morra meu interesse em construir pontes. Vou construindo, parte por parte, algo que eu desejo que me leve a encontrar as respostas ou a modificar as perguntas.*

*Eu poderia falar sobre muitos problemas que existem em torno da disciplina de artes, da formação do professor de artes, da legislação que rege o nosso sistema educacional (LDB) e que muitas vezes não é cumprida ou até mesmo é totalmente desconhecida. Mas nesse momento prefiro apenas dizer que todo este contexto, que todas essas*

*imperfeições, esses afetos e desafetos me produzem. Talvez me tornem dura. Às vezes me enchem de alegria, às vezes de decepções. Vou me inventando diante de tudo isso. Acho que estou "passando", transitando... Como diz Larrosa, em Notas sobre o saber da experiência: "o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos". Hoje estou certa de que nosso trabalho é uma das coisas mais importantes em nossa vida e estas experiências e marcas que produzimos nas vivências do dia-a-dia vêm e vão, de forma cíclica, levando aprendizados daqui pra lá, de lá pra cá, nos tornam confiantes nas nossas decisões e escolhas, que por vezes são dolorosas ou saborosas. Só o vivido é capaz de nos tornar alguma coisa. O tempo e a vivência estão me produzindo, não sei bem o que sou e tenho dúvidas sobre para onde vou. Só saberei na "dor e na delícia" do experimentar.*

*Silvia Guareschi Schwaab*

...O sol como cortina abre a cena,  
Do ar ameno ao calor intenso, ar que sufoca  
Toma espaço, toma conta de tudo,  
Amarelo, laranja, vermelha mistura-se  
À cintilante cor de verão inacabável  
Apenas um instante,  
Transfigura-se em azul, branco, fria cor  
O frescor da imagem cristalizada propõe  
A luz investiga, o corpo questiona, a voz ecoa, o som rebate  
O olho interpreta,  
Apenas um instante,  
A mão sobrepõe o papel, o traço rasga o branco  
Traçado aparece, o símbolo ganha força, ganha vida  
Forma a palavra, o desenho, a pintura, a gravura  
Apenas um instante,  
O sol parte ao meio, jornada encerrada, mas não acabada  
Um até mais, dois até breve, três até amanhã  
Pra mais uma arte!  
Pra mais um rabisco!  
Pra mais uma palavra!  
Pra mais uma imagem!

Prof. Caue de Camargo dos Santos/ SEE-AC/ Esc. José Rodrigues Leite.  
Rio Branco-Acre, Julho de 2012.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da pesquisa:** Processos de subjetivação e narrativas de professores de artes visuais

**Pesquisadora Responsável:** Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria -  
Departamento de Metodologia de Ensino

Pesquisadores participantes: Thais Raquel da Silva Paz

Telefones para contato: 51 83056343

**Prezado (a)**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa na qual pretendem-se coletar narrativas/escritos, de forma totalmente voluntária, a fim de produzir posicionamentos que venham a dialogar com os objetivos propostos para este estudo.

Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações contidas neste documento.

Você tem o direito de decidir deixar de participar da pesquisa em qualquer momento no decorrer da mesma.

**Objetivo da pesquisa:** Produzir reflexões sobre os processos de subjetivação a partir das narrativas produzidas pelos professores de artes visuais, agenciadas à ideia de escrita de si e arte da existência em Foucault.

**Procedimentos:** Sua participação consistirá em produzir narrativas relacionadas com a temática da pesquisa no intuito de colaborar, estimular discussões referentes à mesma.

**Riscos e desconfortos:** A sua participação nesta pesquisa não representará quaisquer riscos físicos e morais, no entanto você poderá se sentir desconfortável ao produzir a narrativa.

**Benefícios:** Esta pesquisa trará reflexões com relação ao tema abordado, sem benefício direto para você. Porém, possivelmente, colaborará com as pesquisas em Educação e mais especificamente com as relacionadas à docência.

**Garantia de acesso:** em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

**Confidencialidade:** As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora. Seu nome real será utilizado na pesquisa, no entanto, caso você prefira serão utilizados nomes fictícios. Com relação ao retorno dos dados da pesquisa, os professores de artes visuais receberão via e-mail a dissertação, que será o resultado da referida pesquisa.

Consentimento da participação da pessoa como colaborador

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

---

Local e data

---

Nome e Assinatura do professor colaborador ou responsável

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste colaborador da pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_